



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A COBERTURA DAS
OLIMPÍADAS E DAS PARALIMPÍADAS NA RIO 2016:
UM ESTUDO DE CASO DO JORNAL O GLOBO**

LUIZA ROCHA TAVARES

RIO DE JANEIRO

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A COBERTURA DAS
OLIMPÍADAS E DAS PARALIMPÍADAS NA RIO 2016:
UM ESTUDO DE CASO DO JORNAL O GLOBO**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

LUIZA ROCHA TAVARES

Orientador: Prof. Dr. Fernando Ewerton Fernandez Junior

RIO DE JANEIRO

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Análise comparativa entre a cobertura das Olimpíadas e das Paralimpíadas na Rio 2016: um estudo de caso do jornal O Globo**, elaborada por Luiza Rocha Tavares

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia ____/____/____

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Fernando Ewerton Fernandez Junior
Doutor em Ciência da Informação pelo convênio IBICT/ECO-UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. Gabriel Collares Barbosa
Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação – UFRJ
Departamento de Comunicação -. UFRJ

Prof. Dr. Márcio Tavares d’Amaral
Pós-doutor em Filosofia na Universidade de Paris V – Sorbonne Sciences Humaine
Departamento de Comunicação – UFRJ

RIO DE JANEIRO

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

TAVARES, Luiza Rocha.

Análise comparativa entre a cobertura das Olimpíadas e das Paralimpíadas na Rio 2016: um estudo de caso do jornal O Globo. Rio de Janeiro, 2017.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Escola de Comunicação – ECO.

TAVARES, Luiza Rocha. **Análise comparativa entre a cobertura das Olimpíadas e das Paralimpíadas na Rio 2016: um estudo de caso do jornal O Globo.** Orientador: Fernando Ewerton Fernandez Junior. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho científico tem a ambição de investigar as diferenças na cobertura jornalística entre o esporte olímpico e paralímpico. Para embasar a teoria, a pesquisa foi realizada com o jornal O Globo em cima da cobertura dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos do Rio de Janeiro, em 2016. No processo de análise, procurou-se avaliar não somente o volume de material referente aos Jogos, mas também a densidade do discurso em cada linha selecionada para contar a maior festa do esporte realizada no Brasil.

Palavras-chave: Jogos Olímpicos; Jogos Paralímpicos; jornal; análise do discurso; esporte

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que ao longo destes quatro anos e meio me ajudaram a superar diversas crises existenciais que, eu aprendi, vêm junto com a escolha por cursar Comunicação. Sem eles talvez eu não tivesse conseguido chegar ao final desta jornada.

À minha mãe, Shirley, que me ensinou a importância dos estudos em nossas vidas. Uma mulher guerreira e minha inspiração diária, que consegue forças não sei de onde para superar todos os obstáculos impostos pela vida. Um exemplo de otimismo e a minha Mulher-Maravilha.

Ao meu pai, Marcos, de quem herdei a paixão pela leitura e por quem eu tenho uma profunda admiração. Aquele cara que sabe tudo o que está acontecendo em todos os cantos do mundo e tem as respostas para todas as minhas perguntas.

Aos meus irmãos e toda a minha família, que me apoiaram em todos os momentos difíceis, desde o ENEM até a apresentação deste trabalho.

Ao meu namorado, Rener, que me ajudou e soube me acalmar nos momentos de desespero. Que soube entender nos dias que a gente não pôde se ver e que esteve sempre disponível para fazer a revisão do texto e me ajudar com as infinitas pesquisas. Um presente que a ECO me deu no meu último ano de faculdade e meu anjo da guarda nessa reta final. Que sorte a minha!

Aos meus amigos que entenderam minha ausência em eventos sociais e a minha constante preocupação com este trabalho. Que ouviram minhas reclamações e comemoraram o fim deste ciclo comigo.

Ao meu orientador, Fenando Ewerton, que me guiou com sabedoria na produção deste trabalho e me deu forças quando a vontade era de desistir.

A todos os professores desta Instituição, que tiveram papel fundamental na minha formação.

A todas as pessoas que conheci nestes quatro anos e meio de ECO. Pessoas incríveis que vou levar para a vida toda.

SUMÁRIO

1. Introdução	9
2. De Atenas ao Rio de Janeiro	12
2.1 A história das Olimpíadas	12
2.1.1 Símbolo, Juramento e Hino	14
2.1.2 Jogos Olímpicos de Inverno	16
2.1.3 O fim do amadorismo	16
2.1.4 Movimento Olímpico	18
2.2 A história dos Jogos Paralímpicos	18
2.2.1 Classificação dos atletas por categoria	19
2.3 Breve histórico do Brasil nos Jogos	21
3. Jogos Rio 2016	23
3.1 Como a cidade recebeu os Jogos	23
3.2 O Brasil nos Jogos	24
3.3 A imprensa mundial e os Jogos	25
4. Os heróis Olímpicos e Paralímpicos	27
4.1 A saga da heroína Rafaela Silva	28
4.2 Como a saga do herói se aplica a atletas paralímpicos	30
4.2.1 O herói Daniel Dias	32
4.2.2 O caso Ricardo Costa	33
5. Estudo de caso: A repercussão do primeiro ouro olímpico e paralímpico do Brasil durante a Rio 2016 no jornal O Globo	35
5.1 O primeiro ouro olímpico brasileiro	35
5.2 O primeiro ouro paralímpico brasileiro	40
5.3 Análise comparativa da cobertura das duas conquistas	43
5.4 Investigando os porquês	44
6. Conclusão	47

7. Referências Bibliográficas50

8. Anexos53

1. INTRODUÇÃO

O anúncio da escolha do Rio de Janeiro como cidade-sede da edição de 2016 dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos foi feito em 2009, quase sete anos antes do evento. Sete anos foi o tempo que as entidades, organizações e o governo tiveram para preparar a cidade, que receberia dali a cinco anos algumas partidas da Copa do Mundo de 2014, além dos eventos de encerramento e abertura do campeonato. Sete anos também foi o tempo que a imprensa teve para se preparar, tanto para a transmissão, quanto para a cobertura dos Jogos.

Foi intenso o trabalho da imprensa na cobertura dos Jogos Olímpicos. Transmissão ao vivo durante o dia, alterando as programações tradicionais; ampliação das páginas dos jornais; deslocamento de repórteres; reportagens especiais; e séries de reportagens. Tudo isso pôde ser observado ao longo do evento em questão. Foram 17 dias de competições abordadas incansavelmente pela mídia.

Menos de um mês após a cerimônia de encerramento, em 21 de agosto, viriam os Jogos Paralímpicos, que emocionaram o público na festa de abertura em 7 de setembro. A diferença da cobertura realizada pela imprensa brasileira como um todo neste evento ficou clara logo nesta ocasião. A TV Globo não transmitiu a cerimônia. A mesma emissora, que mudara diariamente a sua grade de programação para transmitir jogos ao vivo durante as Olimpíadas, não se dispôs a transmitir um evento de algumas horas de duração. Mais do que isso, a TV Globo, maior emissora do país, cedeu os direitos de transmissão para a TV Brasil, com audiência nacional extremamente baixa.

Não foi apenas a TV Globo que deixou os esforços de lado para acompanhar e cobrir o evento. Este movimento pôde ser observado na imprensa como um todo. O jornal O Globo, que havia criado um caderno de esporte especial para ser distribuído gratuitamente nos locais de disputa dos Jogos Olímpicos, não fez o mesmo durante as Paralimpíadas. No SporTV, que no primeiro evento abriu o sinal de alguns de seus canais e criou vários outros, também não fez o mesmo para o segundo. O público, que por diversas razões que não são o alvo deste trabalho, aderiu ao evento, batendo recorde de público no primeiro fim de semana de competições, não pôde consumir as notícias e acompanhar as provas tão intensamente quanto durante as Olimpíadas.

A partir dessas impressões iniciais, o objetivo deste trabalho será o de estudar e analisar como foi feita a cobertura de ambos os eventos no jornal O Globo, principal veículo impresso da cidade-sede, no que diz respeito tanto ao espaço que dedicou às

competições, quanto ao tratamento em relação aos atletas. Para isso, será necessário, antes de tudo, mostrar um pouco da história dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos, que são duas competições que, embora sejam realizadas mais ou menos nos mesmos moldes, possuem características bastante diferentes.

Excelente exemplo de característica que diferencia um evento do outro é o tempo de existência dessas competições. Enquanto as Olimpíadas tiveram seus primeiros registros no ano de 776 a.C., as Paralimpíadas surgiram apenas em 1960. Ou seja, o segundo é relativamente recente, o que explicaria a falta de familiaridade tanto da imprensa quanto da sociedade para com o tema nos dias de hoje. Número de atletas por evento, número de medalhas distribuídas e também de modalidades disputadas também revelam muito sobre os eventos e explicam um pouco da cobertura realizada pela imprensa.

Além de buscar diferenças e semelhanças, o primeiro capítulo reservará um espaço para que traçar rapidamente a trajetória do Brasil em ambas as competições e também expor as expectativas dos comitês nacionais. Com sua primeira participação em 1920 nas Olimpíadas, o Brasil foi ampliando sua participação a cada edição, chegando a disputar 42 modalidades – por sediar a Rio 2016, o país teve vaga em todas as modalidades. Já com relação às Paralimpíadas, a participação dos brasileiros pode ser analisada a partir do número de atletas que foram à competição vestindo a amarelinha: vinte em sua estreia em 1972 e 270 na 15ª edição no Rio de Janeiro.

Após a apresentação da história dos Jogos, seus símbolos e significados, será a vez de falar diretamente sobre os atletas. No segundo capítulo partirei da teoria da construção do herói de Joseph Campbell para observar as formas de aplicação da mesma aos atletas olímpicos e aos paralímpicos. Existem diferenças e semelhanças? O que define um herói olímpico é o mesmo que define um herói paralímpico? Serão essas as perguntas para as quais buscarei as repostas. Para encontrá-las, a teoria será aplicada à judoca Rafaela Silva, que foi medalha de ouro na Rio 2016, e aos campeões Daniel Dias, grande medalhista das Paralimpíadas e Ricardo Costa, que conquistou o ouro no Rio de Janeiro.

Já no terceiro capítulo será o momento de mergulhar na cobertura midiática desempenhada na Rio 2016. Para isso, o objeto de estudo será o jornal O Globo e o recorte da análise será a repercussão do primeiro ouro brasileiro olímpico e da primeira vitória verde e amarela paralímpica. A escolha do veículo se deu por sua relevância nacional e regionalidade – baseado na cidade-sede do evento. Já a escolha por analisar a

repercussão das primeiras medalhas brasileiras se deu por causa do seu enorme significado e expectativa que o momento gera ao público.

A primeira medalha conquistada por um país nos megaeventos já tem um grande significado, além de ser um momento de euforia para a população do mesmo. Quando se trata de uma edição realizada em casa, a magnitude deste momento é ainda maior. Por isso a relevância de se analisar a repercussão deste feito. Para o estudo, foram analisadas cada uma das matérias publicadas sobre as conquistas no veículo em questão. Os resultados evidenciarão como a cobertura do jornal O Globo, que reflete o movimento dos demais veículos de grande relevância nacional, foi realizada em cada uma das competições.

2. DE ATENAS AO RIO DE JANEIRO

Os Jogos Olímpicos e Paralímpicos representam a maior competição esportiva do mundo atualmente. Atletas do mundo inteiro se reúnem em uma cidade para competir representando o seu país de quatro em quatro anos. É um momento de celebração e união, onde a vitória significa conferir prestígio internacional ao seu país, além de ser a consagração máxima de um atleta profissional. Milhões de pessoas ao redor do globo ligam suas televisões, leem jornais, escutam rádio e acessam a internet para acompanhar as provas e torcer pelos desportistas que estão no centro das competições vestindo as cores de sua bandeira e defendendo sua pátria depois de meses dedicados ao treinamento de alto rendimento. Durante esse período, o nacionalismo é inflamado e as pessoas se esquecem, mesmo que pelo breve momento das disputas, as mazelas do seu país e do mundo.

Para captar a grandiosidade das competições é preciso primeiro analisar as suas histórias, que começaram há mais de duas décadas com os gregos antigos. Na 31ª edição dos Jogos, realizada no Rio de Janeiro em 2016, 10.500 atletas disputaram as Olimpíadas e mais de quatro mil representaram seus países nas Paralimpíadas. O que começou com amadorismo, restrição quanto à participação de mulheres e uma forma de elevar o homem ao status de “deus”, hoje envolve profissionalismo, grandes patrocínios, transmissões globais e uma densa cobertura midiática em todo o mundo.

2.1 A História das Olimpíadas

A história das Olimpíadas começou há 2.500 anos na Grécia Antiga, quando foram disputadas quase 300 edições dos Jogos. Nessa época, as competições esportivas eram parte de celebrações religiosas, onde os homens disputavam a vitória com o objetivo de assumir o primeiro lugar aos olhos dos deuses (KESSOUS, 2012). Os primeiros registros das competições olímpicas datam de 776 a.C. Contudo, os historiadores dividem os Jogos antigos em três grandes fases. Os primeiros jogos, que ao que tudo indica eram homenagens funerárias, tiveram cerca de 16 edições e foram interrompidos pela dominação dórica. Tempos depois, os Jogos retornariam como uma resposta para acabar com as guerras que dividiam a Grécia.

Conta-se que Ifitos, rei de Élis, perguntou ao oráculo de Delfos o que fazer para acabar com as guerras que dividiam a Grécia. A resposta: retoma os Jogos de Olímpia. Ele então assinou um acordo com Cleóstenes de Pisa e Licurgo de Esparta e, por meio do documento, proclamava a trégua sagrada a cada quatro anos para que os Jogos fossem disputados. Os termos foram gravados num disco de cobre: “Olímpia é um lugar sagrado. Quem ouse entrar nele com armas será considerado sacrílego.” Essa fase intermediária teve 26 edições. (FREITAS & BARRETO, 2008 : p. 18)

A terceira fase seria a iniciada em 776 a.C., hoje conhecida como Jogos Olímpicos da Grécia Antiga, quando também foi instituída uma trégua sagrada em toda a região para o período em que o torneio fosse realizado, a cada quatro anos. A primeira edição teve apenas uma prova, de corrida, que foi vencida por um cozinheiro e cidadão de Élis (FREITAS & BARRETO, 2008). Com o passar do tempo os Jogos cresceram e passaram a ser disputados ao longo de cinco dias e o número de modalidades foi ampliado. Luta, pugilato (espécie de boxe), pancrácio (tipo de luta em que quase todos os golpes eram permitidos), corridas de bigas, pentatlo, lançamento de discos e corridas a pé passaram a fazer parte da competição. As provas eram reservadas aos gregos livres, que as disputavam nus, e era proibida a participação de mulheres (KESSOUS, 2012).

Em 149 a.C., a Grécia foi invadida pelo Império Romano e passou a integrar o território romano. A esta altura, os Jogos já faziam parte da cultura grega e, com a invasão, um conflito de culturas colocou em risco a tradição dos jogos. Os gregos competiam pela glória pessoal, já os romanos competiam para o público (FREITAS & BARRETO, 2008). A última edição das Olimpíadas da Era Antiga ocorreu em 393 a.C., antes do Imperador Teodósio I cancelar as disputas. Durante esse período foram realizadas 293 edições dos Jogos Olímpicos antigos.

Foi apenas mil e quinhentos anos após o fim dos Jogos que um jovem aristocrata, na época com 31 anos, conseguiu ressuscitar a competição. O francês Pierre de Frédy, Barão de Coubertin, dedicou sua vida à reforma do sistema escolar, que considerava obsoleto. Ele acreditava, assim como os sábios da antiga Grécia, que o conhecimento passava obrigatoriamente pelo corpo. Por isso, o ponto principal do seu projeto era acrescentar o esporte e a educação física ao sistema escolar (KESSOUS, 2012).

Além disso, o esporte poderia estimular o sentimento de patriotismo, conforme avalia Kessous. O Barão de Coubertin viveu a derrota da França pela Alemanha em 1871 e acreditava que a nação poderia unir-se e fortalecer-se através do esporte. Em

1894, em uma convenção realizada em Sorbonne, na França, com a presença de delegados de 13 países, os gregos prometeram sediar a primeira edição dos Jogos Olímpicos na Era Moderna em Atenas. A partir de então a competição seria realizada a cada quatro anos. Foi ainda nessa convenção que foi constituído o Comitê Olímpico Internacional (COI).

Contudo, os Jogos Olímpicos moldados por Pierre seriam disputados apenas por amadores, que participariam por amor ao esporte. A competição representaria, novamente, um período de paz entre as nações, quando seriam estabelecidas tréguas entre os países. Além disso, mulheres continuariam proibidas de participar das provas. A elas caberia apenas o papel de coroar os vencedores (KESSOUS, 2012).

Foi nos Jogos Olímpicos de St. Louis, em 1904, que, pela primeira vez, os atletas foram premiados com medalhas de ouro, para o primeiro lugar, prata, para o segundo, e bronze, para o terceiro. No início, as medalhas eram presas com alfinete para serem colocadas no peito; foi apenas em 1960 que se passou a pendurar em uma fita ao redor do pescoço. Até 1928, a entrega de todas as medalhas era realizada na cerimônia de encerramento. A partir de 1932 a entrega passou a ser feita ao final de cada prova (KESSOUS, 2012).

Voltando a St. Louis, em 1904, foi na terceira competição da Era Moderna que, pela primeira vez, registrou-se a participação de atletas africanos. Contudo, o racismo falou mais alto nessa edição.

Dois zulus semi-selvagens, Lentauw e Yamasani, foram a uma exposição na cidade e acabaram disputando a maratona da Olimpíada. Correram descalços e com chapéu de palha. Provocaram risos da platéia americana. Aos moldes da Olimpíada, foi chamada de “Dias Antropológicos”, espécie de Jogos disputados por membros de tribos africanas e índios americanos. Diante dos resultados esperadamente fracos de “atletas” despreparados e, por isso, desengonçados, uma edição da “Enciclopédia Britânica” da época usou o fato para argumentar sobre a suposta inferioridade dos negros no esporte, o que quase um século depois teóricos concluíram exatamente o contrário.¹

2.1.1 Símbolo, Juramento e Hino Olímpicos

O famoso símbolo das Olimpíadas foi criado pelo próprio Barão de Coubertin e apresentado oficialmente em 1914, já como parte da bandeira olímpica. Sobre o fundo

¹ Dicionário Olímpico: Negros. Folha de S. Paulo. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/dicionario_olimpico68.htm Acesso em: 23/03/2017

branco, aparecem cinco anéis entrelaçados no centro cada um de cada cor (azul, amarelo, preto, verde e vermelho). O desenho representaria os cinco continentes do mundo unidos pelo olimpismo, enquanto as cores são aquelas que aparecem em todas as bandeiras nacionais do mundo, conforme o próprio Barão explicou em texto publicado em 1931. As cores, portanto, não foram designadas para cada continente, mas com o tempo “espalhou-se uma versão equivocada de que o aro azul representaria a Europa; o amarelo, a Ásia; o preto, a África; o verde, a Oceania; e o vermelho, a América.” (FREITAS & BARRETO, 2008; p. 31).

Em 1920, na Bélgica pós-guerra, a bandeira com o novo símbolo olímpico foi apresentada pela primeira vez. Durante a cerimônia de abertura, a flâmula foi hasteada e assim permaneceu até o final da competição, quando o prefeito da Antuérpia, cidade sede a tirou e deu para o prefeito da próxima sede olímpica, Paris, como ocorre até os dias de hoje. A bandeira e o símbolo olímpico podem representar um país que, por questões políticas, não possa ou opte por não participar da competição com sua bandeira nacional. Atletas olímpicos individuais, participantes independentes e o time de refugiados, que disputou pela primeira vez nos Jogos Rio 2016, também se apresentam sob a flâmula com os anéis olímpicos.

Foi também em 1920 que, pela primeira vez, um atleta pronunciou em nome de todos os outros o juramento olímpico.

Barão Pierre de Coubertin tinha pensado em um juramento pelo qual o atleta comprometeria sua honra, prometendo fidelidade às regras das Olimpíadas, jurando nunca transgredi-las. Essa ideia de Coubertin também era uma adaptação de uma prática da Antiguidade: os atletas gregos prestavam juramento diante do altar de Zeus, o pai de todos os deuses, um altar banhado com o sangue de animais sacrificados. (KESSOUS, 2012 : p. 683)

Com o decorrer do tempo, o juramento foi modificado de forma a tentar enfrentar os desafios que dificultam os Jogos Olímpicos, como doping, abordando as equipes ao invés da pátria. O primeiro juramento dizia assim:

Juramos que participaremos destes Jogos Olímpicos competindo com lealdade, respeitando as regras que os regem e desejando participar com espírito cavalheiresco, para honra de nossos países e pela glória do esporte. (KESSOUS, 2012 : p. 689)

Após as últimas modificações nos Jogos Atenas 2000, o juramento passou a ser o seguinte:

Em nome de todos os competidores, prometo que participaremos destes Jogos Olímpicos respeitando e seguindo as regras que os regem, comprometendo-nos com um esporte sem doping e sem drogas, com o verdadeiro espírito esportivo, para glória do esporte e honra das nossas equipes. (KESSOUS, 2012 : p.696)

2.1.2 Jogos Olímpicos de Inverno

Foi também em 1920 que apareceu a segunda modalidade do frio nos Jogos Olímpicos de Verão: o hóquei no gelo. Em 1908, a patinação artística já havia estreado como a primeira modalidade do gênero. Já em 1921, o COI se reuniu para discutir a organização de Jogos Olímpicos de Inverno, como uma forma a homenagear os países do Norte e permitir a propagação dos esportes de neve. O Conde Gary e o Marquês de Polignac argumentaram que a Escandinávia possuía as condições necessárias para sediar a competição. No entanto, os representantes escandinavos viam o evento como uma concorrência aos seus Jogos de Inverno.

Nas Olimpíadas de Paris 1924, escolheu-se a cidade de Chamonix para sediar a semana de esportes de inverno, composta por seis modalidades organizados em 16 provas. O evento reuniu 10.004 espectadores e 258 atletas, representando 17 países. No ano seguinte, o COI oficializou a realização dos Jogos Olímpicos de Inverno. Desde então, as competições se alternam a cada dois anos.

Em 1958, na Conferência de Tóquio, o Comitê Olímpico Internacional adotou formalmente o uso do hino olímpico, composto 62 anos antes pelo compositor Spiros Samaras e pelo poeta Kostis Palamas. Assim como a bandeira com os anéis olímpicos, sua importância vai além do caráter simbólico e pode ser utilizado por atletas no recebimento do ouro quando estes, por questões políticas internas ou externas, competem como atleta olímpico individual, participante independente ou como parte do time de refugiados, sem representar as cores de um país (KESSOUS, 2012).

2.1.3 O fim do amadorismo

Como visto acima, quando o barão de Coubertin conseguiu ressuscitar os Jogos Olímpicos, foi estabelecido que apenas amadores poderiam participar do torneio. Em seu livro “100 histórias dos Jogos Olímpicos” (2012), Kessous reuniu algumas histórias

de atletas que foram punidos por receberem dinheiro graças ao esporte. Um exemplo é o caso de Paavo Nurmo, finlandês com nove medalhas de ouro (1920 e 1928), que foi banido para sempre da competição por ter recebido dinheiro em um *meeting* esportivo em 1930.

Outro exemplo é a história de Jim Thorpe, americano que ganhou decatlo e pentatlo em 1912 (Estocolmo), banido em 1913 por ter recebido dinheiro em uma pequena divisão de beisebol antes de suas vitórias olímpicas. Karl Schranz, austríaco estrela do esqui, foi excluído três dias antes da abertura dos Jogos de 1972 por ter seu nome em uma campanha publicitária, o que foi considerado profissionalismo pelo COI. Foi neste mesmo ano que a equipe de hóquei do Canadá se recusou a participar do evento em uma reação ao profissionalismo disfarçado da URSS e da Europa Oriental.

Isso tudo revela como a linha entre o amadorismo e o profissionalismo ficou cada vez mais tênue. Kessous fala ainda do “amadorismo marrom”, ou seja, os atletas oficialmente amadores eram pagos extra-oficialmente por seus países como forma de recompensá-los e esperavam desempenhos cada vez melhores deles. Foi então que, em 1973, no Congresso de Varna, o COI decidiu voltar atrás com relação a questão do amadorismo. No ano seguinte, a palavra foi retirada da Carta Olímpica.

Nos ano 1980, o COI abdicou do amadorismo para tornar seu principal produto gigantesco, lucrativo e quase megalomaniaco. Permitiu a entrada de profissionais como tenistas, que voltaram ao programa olímpico em Seul-1988 e jogadores da NBA (liga norte-americana de basquete), que eternizaram o "Dream Team" em Barcelona-1992. A queda da restrição impulsionou interesse e audiência no evento.²

Isso só foi possível devido ao quinto sucessor de Barão de Coubertin, o espanhol Juan Antonio Samaranch, que assumiu a chefia do COI em 1980. O espanhol fez aquilo que ficou conhecido como “Revolução de Samaranch”.

Em poucos anos, o nativo de Barcelona iria levar sua organização para outra dimensão, dando-lhe uma administração de verdade, multiplicando os membros do COI, acolhendo as mulheres, os políticos vindos dos cinco continentes, etc. A “Revolução Samaranch” foi mais longe: o amadorismo tão caro ao fundador dos Jogos modernos em breve se tornaria uma lembrança distante. Os indesejáveis milionários dos negócios esportivos foram bem-vindos

² Após origem amadora, Jogos Olímpicos crescem e se tornam um evento global. Folha de S. Paulo. Disponível em: <http://temas.folha.uol.com.br/geografia-da-olimpiada/big-bang-olimpico apos-origem-amadora-jogos-olimpicos-crescem-e-se-tornam-um-evento-global.shtml> Acesso em: 23/03/2017

aos Jogos de Barcelona em 1992. Os parceiros também assinaram contratos de exclusividade da ordem de centenas de milhões de dólares pelo direito de reproduzir os símbolos dos Jogos Olímpicos. (KESSOUS, 2012 : p; 1.638)

2.1.4 Movimento Olímpico

O Movimento Olímpico é formado pelo Comitê Olímpico Internacional, as federações esportivas internacionais, os comitês olímpicos nacionais, o comitê organizador de cada edição e os atletas. O objetivo do Movimento Olímpico é manter vivos os ideais dos Jogos registrados na Carta Olímpica. Atualmente, o trabalho deste grupo abrange oito áreas de atuação. Sendo elas, a escolha da cidade-sede; organização dos Jogos Olímpicos; promoção da mulher no esporte; proteção dos atletas; desenvolvimentos pelo esporte; promoção do desenvolvimento sustentado; respeito pela trégua olímpica; e promoção da cultura e da educação olímpica (FREITAS & BARRETO, 2008).

Os recursos que financiam o Movimento Olímpico vêm de patrocínio – *The Olympic Partner Program*, criado em 1985, e que reúne 12 patrocinadores fixo e outros contratos são negociados a cada edição dos Jogos; da comercialização dos direitos de transmissão do evento pela TV para todo o mundo; do licenciamento de produtos com a marca dos aros olímpicos; e da venda de ingressos para as competições (FREITAS & BARRETO, 2008).

2.2 A História dos Jogos Paralímpicos

Já a história dos Jogos Paralímpicos começou em Roma, 1960, com a participação de 400 atletas representando 23 países. A ideia de realizar um torneio paralímpico surgiu doze anos antes do evento, quando o médico Ludwig Guttmann, renomado neurocirurgião do hospital da cidade de Stoke Mandeville, na Grã-Bretanha, teve a ideia de realizar algumas provas no primeiro dia de competição dos Jogos Olímpicos de Londres. Ele percebeu que o esporte poderia ajudar na recuperação de soldados que tiveram sequelas definitivas durante os combates da Segunda Guerra Mundial.

“Os “Jogos de Stoke Mandeville” foram abertos para dezesseis militares amputados em cadeiras de rodas e para algumas mulheres no tiro com arco. Quatro anos mais tarde, esses “Jogos” adquiriam dimensão internacional” (KESSOUS, 2012). As

competições seriam realizadas também a cada quatro anos, junto com as Olimpíadas, enquanto os Jogos Paralímpicos de Inverno, realizados pela primeira vez em 1976, também seriam realizados junto com as Paralimpíadas.

Desde Seul, em 1988 – e Albertville, em 1992 –, os dois jogos são realizados na mesma cidade e nos mesmos estádios. Em 1989, o Comitê Paralímpico Internacional foi criado formalmente e, devido a aproximação com o COI, os Jogos Paralímpicos repetem os mesmos rituais de seu irmão mais velho. Contudo, nem tudo é igual. Os anéis olímpicos, por exemplo, não são utilizados para representar os Jogos Paralímpicos. Batizado de “Agito”, o símbolo paralímpico é formado por três elementos nas cores vermelha, azul e verde, as cores de bandeiras mais comuns ao redor do mundo.

Os três "Agitos" representam movimento e enfatizam o movimento paralímpico de juntar atletas de todo o mundo para competir. O antigo logo da Paralimpíada foi deposto em 2003 por sua semelhança extrema com os anéis olímpicos. Para proteger a marca olímpica emantê-la única, o Comitê Olímpico Internacional exigiu a mudança para que não houvesse confusão alguma entre os símbolos.³

2.2.1 Classificação dos atletas por categoria

Outra diferença é o número de medalhas distribuídas durante as Paralimpíadas, que é maior do que a quantidade das Olimpíadas, apesar de ter menos atletas disputando as provas. Isso porque, cada modalidade é dividida em categorias, visando manter o equilíbrio da competição entre atletas com graus diferentes de deficiência. Para fazer essa categorização, os paradesportistas são avaliados por comissão composta por médicos, fisioterapeutas e profissionais da área esportiva.

Os profissionais são responsáveis por avaliar “a lesão ou patologia do atleta, o potencial do mesmo, considerando a lesão ou patologia e o impacto que as limitações trazem ao desempenho esportivo do competidor”⁴. Caso o atleta participe de mais de um esporte, o mesmo é preciso ser avaliado de formas diferentes para cada um deles, uma

³ Por que o símbolo paralímpico não utiliza os anéis olímpicos?

IG São Paulo. Disponível em: <http://esporte.ig.com.br/olimpiadas/2016-09-06/por-que-o-simbolo-paralimpico-nao-utiliza-os-aneis-olimpicos.html> Acesso em: 23/03/2017

⁴ Entenda a classificação dos atletas paraolímpicos em cada esporte. Folha de S. Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/09/1811278-entenda-a-classificacao-dos-atletas-paraolimpicos-em-cada-esporte.shtml> Acesso em: 22/06/2017

vez que o impacto da limitação para o desempenho esportivo deve ser observado. No caso de doenças progressivas, é necessária avaliação periódica pela comissão.

É importante ressaltar que pessoas com diferentes tipos de deficiência podem competir juntos, isto porque, como dito anteriormente, o impacto da limitação para o desempenho esportivo é analisado para a categorização do mesmo. Contudo, existem esportes, como basquete e futebol, que apenas pessoas com a mesma deficiência podem participar (cadeirantes, no caso do basquete, e cegos, no caso do futebol).

Atualmente, participam dos Jogos Paralímpicos com deficiência de potência muscular, de movimento, de membro, no comprimento da perna; deficiência de baixa estatura, de tônus muscular (hipertonia), de coordenação muscular (ataxia), de controle de movimentos (atetose); e deficiências visual e intelectual.

O processo de avaliação e classificação dos atletas, contudo, é alvo de muitas críticas. No documentário Paratodos (2016), lançado pela Sala 12 Filmes dois meses antes do início dos Jogos, reúne relatos de descontentamento de técnicos, atletas e profissionais da paracanoagem. Arkhile Mavrofidi, técnico russo de paracanoagem, foi um dos que criticaram as classificatórias. “No decorrer dos últimos dois anos, não há critério mais”, disparou o profissional. A técnica americana do mesmo esporte, Debora Page, também se posicionou na ocasião: “Queria ver mais classificações, não gosto de ter atletas bi-amputados, por exemplo, competindo com quem tem lesão medular. Acho que são bem diferentes.”

Em 2014, inclusive, a equipe de paracanoagem do Brasil sofreu com erros de classificação no mundial, conforme conta Denis Borges, agente de Fernando Fernandes, atleta de paracanoagem, em entrevista para o documentário.

Em 2014, a gente teve um problema muito sério de classificação funcional. Vários atletas da categoria do Fernando (Fernando Fernandes, atleta da classe KL1 na época) estavam na classe errada. Isso acabou afetando diretamente o resultado da prova. Pô, o cara era bom pra caralho (sic) e chega em quinto? Como é que você explica? Aquele vídeo que eu te mostrei, está mostrando o húngaro, que foi quem ganhou, e de repente passa o inglês com as perninhas mexendo. E aí você fala, ‘pô, mas o Fernando... isso não é o tipo de facilidade que ele tem, cara’. Não mesmo. Você vai olhar o campeão do ano passado e ele estava competindo na categoria errada, você está entendendo? Eles deixaram passar a prova e depois desclassificaram o cara.

2.3. Breve histórico do Brasil nos Jogos

O Brasil estreou nas Olimpíadas em 1920, na Antuérpia, Bélgica. Para esta edição o país foi representado por 21 atletas, que disputaram cinco modalidades, conquistando três medalhas, sendo uma de ouro, uma de prata e uma de bronze. Todas as conquistas foram no tiro, mas os brasileiros também marcaram presença na natação, pólo aquático, saltos ornamentais e remo.⁵ Já as mulheres estrearam nos Jogos apenas em 1932, quando o Brasil levou apenas uma mulher para participar, a nadadora Maria Lenk.

Ao longo das edições, o judô (22) foi a modalidade que mais rendeu pódios aos brasileiros, seguido pela vela (18) e atletismo (15). Já com relação aos ouros, o esporte que mais rendeu medalhas douradas ao Brasil foi a vela, mas se compilar vôlei de praia com vôlei de quadra em um único esporte, o vôlei seria o que mais levou os brasileiros ao lugar mais alto do pódio, oito vezes.

De cinco modalidades, em 1920, o Brasil saltou para 42 modalidades disputadas na Rio 2016. Por ser o país-sede das Olimpíadas, o Brasil tem vaga para competir em todas as modalidades dos Jogos, com isso, na última edição, o país estreou em cinco delas: badminton, ginástica de trampolim, golfe, hóquei sobre grama e rugby.⁶

Por conta desta medida, a delegação brasileira nos Jogos Olímpicos Rio 2016 foi a maior da história do país. O Time Brasil teve 465 esportistas vestindo verde e amarelo das pistas e quadras aos gramados e piscinas. Só de atletismo foram 67 classificados para os Jogos. Em duas modalidades o Brasil levou apenas um atleta: ciclismo de pista, com o cearense Gideoni Monteiro, e ginástica de trampolim, representada pelo goiano Rafael Andrade.⁷

Já nas Paralimpíadas, o Brasil estreou em 1972, na Alemanha, com a participação de 20 atletas. A primeira medalha brasileira da competição veio quatro

⁵ Olimpíadas 2008: Histórico das Olimpíadas. UOL. Disponível em: <https://olimpiadas.uol.com.br/2008/historia/1920/historia.jhtm>
Acesso em: 22/04/2017

⁶ Brasil estreará em cinco modalidades olímpicas nos Jogos Rio 2016. SporTV. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/programas/almanaque-olimpico/noticia/2015/11/brasil-esteara-em-cinco-modalidades-olimpicas-nos-jogos-rio-2016.html>
Acesso em: 22/04/2017

⁷ Atletas brasileiros nas Olimpíadas Rio 2016: Na estreia como anfitrião olímpico, Brasil entra na disputa com 465 atletas, sua maior delegação na história. Desses, 33% são veteranos de outros Jogos. Conheça todos os nomes. Disponível em: <http://infograficos.oglobo.globo.com/esportes/rio-2016/atletas-brasileiros-nas-olimpiadas-rio-2016.html> Acesso em: 24/06/2017

anos depois, em Toronto 1976, em um esporte semelhante à bocha, chamado Lawn Bowls, onde os atletas da equipe ganharam a medalha de prata. Em 1984, em Nova Iorque, o país obteve o seu primeiro resultado significativo na competição, conquistando sete ouros, 17 pratas e quatro bronzes.⁸

O esporte que mais rendeu medalhas ao Brasil na competição, incluindo as conquistas da Rio 2016, foi o atletismo, com 142 no total, sendo 40 de ouro, 61 de prata e 41 de bronze. Em segundo lugar está a natação, que rendeu 102 pódios no total, sendo 32 conquistas de ouro, 34 de prata e 36 de bronze.⁹

⁸ TEIXEIRA, Sílvia. Rio 2016 – Confira todas as participações do Brasil nas Paralimpíadas. UOL. Disponível: <http://torcedores.uol.com.br/noticias/2016/09/rio2016-confira-todas-as-participacoes-do-brasil-nas-paralimpiadas>
Acesso em: 22/04/2017

⁹ CRAIDE, Sabrina. Brasil quer ficar em 5º lugar na Paralimpíada; veja as chances de medalhas. EBC Brasil. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/rio-2016/noticia/2016-08/brasil-quer-ficar-em-5o-lugar-na-paralimpiada-veja-chances-de-medalha>
Acesso em: 22/04/2017

3. JOGOS RIO 2016

No dia dois de outubro de 2009, o Rio de Janeiro foi confirmado como cidade sede dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016. A partir deste dia, criou-se uma expectativa muito grande em relação à realização do maior evento esportivo do mundo, que, pela primeira vez, seria sediado na América do Sul. Para o Rio de Janeiro, mesmo uma cidade essencialmente turística, os números do impacto de um evento deste porte impressionam e deixam evidente a grandiosidade dos Jogos Olímpicos.

3.1 Como a cidade recebeu os Jogos

Segundo levantamento da Prefeitura do Rio, a cidade recebeu, no período de realização dos Jogos Olímpicos, cerca de 1,17 milhão de turistas, sendo 410 mil estrangeiros. A lotação do município foi tão notável que chegou a ocupar 96,72% da rede hoteleira da cidade, no período de 8 a 14 de agosto. Transitando pela Cidade Maravilhosa, foram realizadas 4 milhões de viagens usando o Riocard olímpico, um sistema de compra de cartões para utilizações nos trens, metrô e sistemas de ônibus integrados para as arenas de competição.¹⁰

Em termos de pessoal, foram mobilizados mais de 45 mil voluntários, que participaram de todo o processo de atendimento dos espectadores nos eventos, e cerca de 88 mil funcionários, entre forças de segurança e ordem urbana, foram responsáveis pela manutenção da segurança pela cidade e nas arenas.¹¹

Para se ter uma ideia, o custo total dos Jogos Olímpicos chegou aos R\$ 38,67 bilhões, segundo relatório da Autoridade Pública Olímpica (APO), divulgado em 21 de agosto de 2016. De acordo com a publicação, apenas o custo com as instalações, utilizadas tanto nos Jogos Olímpicos quanto Paralímpicos, chegou aos R\$ 6,67 bilhões.¹²

¹⁰ BOECKEL, Cristina. Prefeitura faz balanço da Olimpíada e Paes diz que Rio calou críticos. G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/noticia/2016/08/prefeitura-faz-balanco-da-olimpiada-e-paes-diz-que-o-rio-calou-criticos.html> Acesso em: 22/06/2017

¹¹ BRETAS, Valéria. Os grandes números das Olimpíadas. Exame. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/brasil/os-grandes-numeros-das-olimpiadas/> Acesso em: 22/07/2017

¹² DOLZAN, Marcio. Custo oficial dos Jogos Olímpicos do Rio sobe e chega a R\$ 38,67 bilhões. Estado de S. Paulo. Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/jogos-olimpicos,custo-da-olimpiada-do-rio-sobe-r-70-milhoes-e-chega-a-r-38-67-bilhoes,1748385> Acesso em: 22/06/2017

3.2 O Brasil nos Jogos

Para a 31ª edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, no Rio de Janeiro, participaram 206 países, que levaram mais de 10.500 atletas para disputar 42 modalidades em 17 dias. Seguindo o mesmo movimento, os Jogos Paralímpicos levaram à sua 15ª edição mais de quatro mil atletas de 173 países para disputarem 23 modalidades em 11 dias. Antes do início da Rio 2016, a expectativa do Comitê Olímpico Brasileiro era de que o país ficasse entre os dez melhores no quadro de medalhas, com a conquista de 27 ou 28 medalhas.

Com 19 pódios, sendo sete conquistas de ouro, seis de prata e seis de bronze, o Brasil conseguiu apenas duas medalhas a mais no total em comparação com Londres 2012 e encerrou a competição em décimo terceiro lugar, fora do top 10. Na natação, por exemplo, onde eram esperadas quatro medalhas, o Brasil não subiu ao pódio. No vôlei, o desempenho também foi aquém das expectativas com apenas três medalhas, o que representa a metade do que o COB imaginava.¹³

Já as expectativas do Comitê Paralímpico Brasileiro eram de que o país ficasse em quinto lugar geral no quadro de medalhas da competição. Isto representaria um desempenho melhor do que o alcançado em Londres 2012, quando o Brasil ficou em sétimo lugar, com 43 medalhas, sendo 21 de ouro, 14 de prata e oito de bronze. Apenas no atletismo, eram esperadas entre 11 e 14 vitórias. Natação, futebol de 5, *goalball* e o judô são outras grandes apostas do CPB. Com mais de 270 atletas e 195 profissionais técnicos, administrativos e de saúde, esta é a maior delegação que o país já levou para participar do evento.¹⁴

A classificação final brasileira no quadro de medalhas da competição, no entanto, ficou abaixo das expectativas. Encerrando as Paralimpíadas com 14 medalhas de ouro, 29 de prata e 29 de bronze, o Time Brasil fechou em oitavo lugar, ficando de fora do top 5 e sem ultrapassar seu recorde de ouros conquistados na história do evento,

¹³FAVERO, Paulo & RAMOS, Raphael. Mesmo com melhor desempenho na história dos Jogos, Brasil não atinge meta do COB. Estado de S. Paulo. Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/jogos-olimpicos,mesmo-com-melhor-desempenho-na-historia-dos-jogos-brasil-nao-atinge-meta-do-cob,10000071166>
Acesso em: 16/04/2016

¹⁴ Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/rio-2016/noticia/2016-08/brasil-quer-ficar-em-5o-lugar-na-paralimpiada-veja-chances-de-medalha>
Acesso em: 22/04/2017

que foi em Pequim 2008. Contudo, o número de medalhas superou em 25 o recorde de Pequim.

O desempenho do Time Brasil, no entanto, foi comemorado pelo Comitê, uma vez que o país conquistou medalhas em 13 modalidades diferentes, enquanto em Londres 2012, quando ficou em sétimo lugar na classificação geral, atletas de apenas sete modalidades subiram ao pódio. O número de medalhistas também aumentou. O salto foi de 42 em Londres para 113 no Rio, um crescimento de 16%. Outro ponto positivo dos Jogos Paralímpicos Rio 2016 foi o desempenho de jovens atletas que renderam 15 medalhas para o Brasil e representam esperança para Tóquio 2020.¹⁵

3.3 A imprensa mundial e os Jogos

Os Jogos Olímpicos e Paralímpicos 2016 trouxeram atletas de mais de 200 países ao Rio de Janeiro. Magnetizados pela grandiosidade de ter os melhores esportistas do mundo competindo quase que simultaneamente, mais de 25 mil jornalistas foram credenciados para a cobertura, munidos de suas lentes, câmeras e microfones – 6 mil da imprensa escrita e 18 mil de televisão.¹⁶

Foram profissionais de 105 países diferentes desembarcando na Cidade Maravilhosa para cobrir os Jogos. A NBC, uma das principais emissoras da TV norte-americana, por exemplo, montou um estúdio na areia da praia de Copacabana, cartão postal que abrigou competições como vôlei de praia, triatlo e maratona aquática, além de dois estúdios no Parque Olímpico da Barra da Tijuca, com um total de 9 mil metros quadrados disponíveis.

A britânica BBC se estabeleceu dentro do Parque Olímpico da Barra, e trouxe repórteres com domínio de inglês, português, espanhol, chinês e árabe para tornar a cobertura o mais abrangente possível.¹⁷

¹⁵ Disponível em: http://espn.uol.com.br/noticia/632153_abaixo-da-meta-brasil-tem-motivo-para-comemorar-desempenho-na-paralimpiada
Acesso em: 22/04/2017

¹⁶ Olimpíada do Rio atrai 25 mil jornalistas de 105 países. G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/08/olimpiada-do-rio-atrai-25-mil-jornalistas-de-105-paises.html> Acesso em: 22/06/2017

¹⁷ KLEINA, Nilton. Como o Rio 2016 vai receber a imprensa de todo o mundo nas Olimpíadas. Tecmundo. Disponível em: <https://m.tecmundo.com.br/olimpiadas/106713-rio-2016-receber-imprensa-o-mundo-olimpiadas.htm> Acesso em: 22/06/2017

Ao todo foram 95 emissoras detentoras de direitos de transmissão dos Jogos Olímpicos e cerca de 5,6 mil horas de transmissão das competições. Para se ter uma ideia, a cerimônia de abertura, realizada no Maracanã, captou mais de 28 milhões de espectadores no Brasil, segundo dados de pesquisa do Ibope, e foi o evento mais assistido de todos dos Jogos da Rio 2016. Em segundo lugar, veio a decisão da medalha de ouro do futebol masculino, entre Brasil e Alemanha, no penúltimo dia dos Jogos, que atraiu cerca de 25,7 milhões de espectadores colados na TV – além dos mais de 60 mil apaixonados pela Seleção Brasileira presentes no Maracanã.¹⁸

O sucesso e os números de audiência dos Jogos Olímpicos de fato impressionam. Porém, mesmo abaixo das marcas do desporto olímpico, os Jogos Paralímpicos também foram considerados vitoriosos neste cenário. O Comitê Paralímpico Internacional (IPC, em inglês) divulgou, em março de 2017, alguns dados da adesão do público aos Jogos. A pesquisa, uma parceria com a empresa Nielsen Sports, registrou mais de 4,1 bilhões de espectadores, na audiência acumulada durante o evento, a maior já registrada na história dos Jogos Paralímpicos.

As Paralimpíadas de Londres 2012, por exemplo, haviam registrado um total de 3,8 bilhões, o que dá à Rio 2016 um aumento de 7% em relação ao evento anterior. Outro dado interessante é que os Jogos Paralímpicos foram transmitidos, em 2016, para 154 países, 39 a mais do que na edição anterior – e quase o dobro do que havia sido mostrado em Pequim 2008, 80 países.

No Brasil, as emissoras transmitiram um total de 247 horas de cobertura paralímpica durante os Jogos, e bateram um recorde de 472 milhões de pessoas alcançadas. Os números são bem maiores que nas edições anteriores, mas ainda ficam longe de países como Itália, que transmitiu 557 horas, e Japão, que veiculou 401 horas de competições. A China, que dominou o quadro de medalhas das Paralimpíadas em 2016, alcançou uma audiência cumulativa de mais de 1 bilhão de pessoas durante o evento.¹⁹

¹⁸ Cerimônia de abertura foi evento mais visto da Olimpíada na TV, diz Ibope. G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2016/08/cerimonia-de-abertura-foi-evento-mais-visto-da-olimpiada-na-tv-diz-ibope.html> Acesso em: 22/06/2017

¹⁹ Jogos Paralímpicos Rio 2016 quebram recordes de audiência. Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB). Disponível em: <http://bit.ly/2tUk4HB> Acesso em: 22/06/2017

4. OS HERÓIS OLÍMPICOS

A partir dos dados acima, torna-se inegável o alto interesse que existe por parte tanto da população quanto da imprensa acerca dos eventos, principalmente em se tratando dos Jogos Olímpicos. Com isso surge a pergunta: os atletas são tratados da mesma forma pela mídia em ambas as competições? Como são construídas as narrativas acerca das conquistas e das histórias desses profissionais do esporte que estão no maior evento do mundo representando as cores de suas bandeiras mirando a glória internacional?

Helal (2003) faz uma comparação entre as narrativas das trajetórias de ídolos do esporte com ídolos de música. Segundo ele, no que diz respeito aos atletas, as narrativas giram em torno das características que os transformam em heróis, o que não acontece com celebridades musicais. O autor explica que essa diferença de abordagem ocorre devido ao aspecto de luta que se faz presente no universo esportivo, assim, os primeiros são mais facilmente transformados em heróis.

Edgar Morin (1980) e Joseph Campbell (1995) chamam a atenção para a diferença entre celebridades e heróis. Enquanto os primeiros vivem para si, os heróis devem agir para ‘redimir a sociedade’. A saga clássica do herói fala de um ser que parte de um mundo cotidiano e se aventura a enfrentar obstáculos considerados intransponíveis, os vence e retorna à casa, trazendo benefícios aos seus semelhantes (Campbell, 1995: 36). Esta característica do ‘ídolo-herói’ acaba por transformar o universo do esporte em um terreno fértil para a produção de mitos e ritos relevantes para a comunidade. (HELAL, 2003: 19)

Dias (2014) explica que para ser considerado herói não é preciso passar pelas 17 fases descritas pelo escritor Joseph Campbell no seu livro “Herói de Mil Faces”, contudo, algumas delas podem ser destacadas. A primeira é chamada *Nascimento Complicado*, normalmente marcada por problemas familiares e/ou pobreza. Em seguida, seria a chamada *Educação Iniciática*, quando o herói tem contato com os primeiros ensinamentos “para preparar o líder-guerreiro”.

O *Chamado à Aventura* vem logo na sequência, quando o herói é obrigado a sair de sua terra natal e é nesse período que recebe o *Auxílio Sobrenatural*, que não se trata exatamente de uma força divina, mas sim de pessoas que o rodeiam, transmitindo conselhos e forças ao herói. Chegando ao fim da trajetória, o herói passa por *Provas Iniciáticas*, quando pode falhar perante obstáculos. O *Retorno* marca a consagração do herói, que volta a ter convívio social, renunciado até então. Resumindo, Helal (1998)

descreve a narrativa clássica do herói como luta, superação, redenção e glória. Dias (2014) completa explicando que, além de passar por todas essas fases, o herói precisa deixar um legado para as futuras gerações.

4.1 A saga da heroína Rafaela Silva

Rafaela Silva se encaixa perfeitamente na saga do herói descrita por Campbell. A judoca nasceu e foi criada na Cidade de Deus, uma das maiores comunidades do Rio de Janeiro. Em um contexto de violência e pobreza, era uma menina violenta que arrumava confusão por tudo. Em reportagem ao El Pais Brasil, ela conta que quando não a deixavam brincar, começava logo a brigar.²⁰

Preocupados com a agressividade da menina, tinha cinco anos quando seus pais a colocaram no Instituto Reação, onde teve o primeiro contato com o judô. Ainda de acordo com a reportagem do El Pais Brasil, ali ela foi muito bem amparada: ganhou o seu primeiro quimono e, como sua família não tinha dinheiro, seus treinadores tiravam do próprio bolso para que a judoca pudesse viajar para participar das competições. Além de ser apresentada ao esporte, Rafaela conta que era muito cobrada pelo Instituto. “Não adianta você ser atleta se a sua educação e vida social não batem com o esporte”.

Quando chegou à Olimpíada Londres 2012, Rafaela já tinha um título mundial júnior, prata no mundial Paris 2011 e também no Pan de Guadalajara 2011.²¹ As expectativas em cima da judoca eram altas. Contudo, a menina que saiu da Cidade de Deus para participar da maior competição esportiva do mundo, foi desclassificada na segunda luta do dia por aplicar um golpe ilegal na húngara Hedvig Karakas. Rafaela desabou aos prantos no tatame.

Como se não bastasse a dor de perder a luta mais importante de sua vida, a atleta teve que ler e ouvir ofensas racistas. Rafaela perdeu o ânimo e chegou a abandonar o judô por quatro meses. Contou com a ajuda de uma psicóloga do Instituto Reação para refazer a ideia de si mesma e, mesmo conquistando o mundial em 2013, a recuperação da derrota de 2012 durou cerca de dois anos.

²⁰ MONIZ, Gustavo. Negra, pobre e Silva: o primeiro ouro da Rio 2016 é a cara do Brasil. El Pais Brasil. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/09/deportes/1470695638_790195.html
Acesso em: 13/05/2017

²¹ Em 10 capítulos, a saga da medalha de ouro de Rafaela. ESPN. Disponível em: <http://espnw.espn.uol.com.br/em-10-capitulos-a-saga-da-medalha-de-ouro-de-rafaela/>
Acesso em: 13/05/2017

Pensei que fosse largar o judô depois da minha derrota em Londres. Comecei a fazer um trabalho com minha psicóloga e ela não me deixou abandonar o judô. Meu técnico também me incentivava a cada dia. Em 2014 e 2015 não tive bons resultados, estava meio desacreditada. Falaram que eu era uma incógnita, mas eu vim, treinei ao máximo e o resultado veio.¹¹

Em 2016, o ano olímpico, Rafaela foi bronze no Grad Prix de Havana e no Grand Slam de Paris. Em março, conquistou o primeiro ouro do ano, no Grand Prix de Tbilisi, na Geórgia, seguido por mais um pódio no Panamericano de Judô, em Havana. Com esses resultados, a judoca ficou em 11º lugar no ranking mundial. A volta por cima seria consagrada em casa, na Arena 2 do Parque Olímpico da Barra, perto da Cidade de Deus, onde tudo começou.

Com a conquista do primeiro ouro olímpico do Brasil no Rio de Janeiro, Rafaela se tornou inspiração para as crianças da comunidade onde foi nasceu e cresceu.

É muito bom para as crianças que estão assistindo ao judô agora. Ver alguém como eu, que saiu da Cidade de Deus, que começou o judô com cinco anos como uma brincadeira, ser campeã mundial e olímpica, é algo inexplicável. Se essas crianças têm um sonho, têm que acreditar que pode se realizar.¹¹

No dia 10 de agosto de 2016, o jornal O Globo fez uma matéria sobre a repercussão da vitória de Rafaela na Cidade de Deus, conforme será possível ver mais à frente. Com o tom de esperança, o texto mostra o efeito da conquista nas crianças, que diziam querer “ser lutador” e “ganhar uma Olimpíada” e passaram o dia aplicando golpes umas nas outras nas ruas inspirando-se na judoca.

Como pode ser percebido, o *Nascimento Complicado* de Rafaela é descrito por sua infância na comunidade carente do Rio de Janeiro. A *Educação Iniciática* começa quando a carioca tem o seu primeiro contato com o judô aos cinco anos de idade no Instituto Reação. As viagens que atleta fez para participar das competições seriam o *Chamado à Aventura*. Já o *Auxílio Sobrenatural* foi proporcionado pelos professores do Instituto, que lhe transmitiram todo o apoio e ensinamento necessários para que a judoca obtivesse as ferramentas para seguir no caminho do esporte.

Londres 2012 faz parte das *Provas Iniciáticas*, etapa na qual a atleta falhou. Depois da derrota e do racismo, Rafaela passa por um período de superação e consegue

a redenção quando ganha o ouro olímpico em 2016 dentro de casa, marcando o início do *Retorno*.

4.2 Como a saga do herói se aplica a atletas paralímpicos

Para analisar a aplicação da saga do herói aos atletas paralímpicos, tomamos o levantamento divulgado pelo jornal Folha de S. Paulo, em 5 de setembro de 2016, como exemplo. De acordo com a matéria, um em cada cinco atletas brasileiros que disputaram os Jogos Paralímpicos Rio 2016 era vítima de acidente de automóvel, o que representa 18% da delegação.²² Dessa forma, talvez a principal diferença entre a saga do herói olímpico e do herói paralímpico seja o que o *Nascimento Complicado* representa. Enquanto para a construção dos heróis olímpicos sejam mais relevantes questões como pobreza ou problemas familiares, estes se tornam coadjuvantes na trajetória de superação do atleta paralímpico, cujo *Nascimento Complicado* é necessariamente marcado pela descoberta da deficiência.

Alessandro Zanardi é um exemplo disso. Ex-piloto italiano de Fórmula 1 e Indy, sofreu um grave acidente em 2001 durante o circuito de Lausitz, na Alemanha. O atleta teve que amputar as duas pernas. Nas etapas da saga do herói, este acidente e a nova realidade de Alessandro, marca seu *Nascimento Complicado*. Hoje, ele é ouro olímpico no ciclismo de estrada na prova contrarrelógio classe H5, para atletas com capacidade limitada nas pernas, nos braços e no tronco, além de ser cinco vezes campeão mundial na classe H4. Além disso, na Olimpíada de Londres (2012) conquistou dois ouros nas provas de contrarrelógio e corrida em estrada e uma prata no revezamento por equipes.²³

Assim como os heróis do esporte olímpico, os ídolos do paradesporto também têm trajetórias marcadas por vitórias e o bom desempenho nas competições. No Brasil, a diferença fica por conta da quantidade de medalhas que o atleta precisa ganhar em torneios como os Jogos Parapanamericanos ou os Jogos Paralímpicos para ser

²² ALVES, Mateus & CONDE, Paulo Roberto & ZOCCHIO, Guilherme. Um em cada cinco para-atletas do Brasil sofreu acidente de automóvel. Folha de S. Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/09/1810297-um-em-cada-cinco-para-atletas-do-brasil-sofreu-acidente-de-automovel.shtml>
Acessado em: 14/05/2017

²³ Ex-piloto Alessandro Zanardi é ouro no ciclismo de estrada nos Jogos Paralímpicos. Jornal Extra. Disponível em: <http://extra.globo.com/esporte/rio-2016/ex-piloto-alessandro-zanardi-ouro-no-ciclismo-de-estrada-nos-jogos-paralimpicos-20107615.html>
Acesso em: 14/05/2017

consagrado como herói. Isso porque, como já foi observado, o país conquista uma enorme quantidade de medalhas nesses eventos em relação aos jogos disputados por atletas olímpicos. Apenas na Rio 2016 foram 72 medalhas, enquanto nas Olimpíadas foram 19 pódios.

Partindo do princípio de que todos os atletas que estão participando da competição passaram pela etapa do *Nascimento Complicado* e estão ali nas *Provas Iniciáticas*, todos eles têm condições de se tornarem heróis. O que os diferencia é também o desempenho de cada um, que, obviamente, é precedido por treinos intensos, assim como os atletas “convencionais”.

Além do fator quantidade de pódios, outra questão que influencia na hora de consagrar um herói paralímpico é a grandiosidade de sua conquista. Aqui, pode-se citar o exemplo de Alan Fonteles. Em Londres o atleta brasileiro desbancou o favoritismo do astro Oscar Pistorius na prova dos 200m, categoria T44. Foi uma conquista incrível que o colocou no *hall* dos heróis paralímpicos. Na edição seguinte dos Jogos, no entanto, Alan teve um desempenho muito aquém do esperado, com a forma física bem diferente daquela que o mundo vira quatro anos antes. Com quatro quilos a mais, fora eliminado precocemente na Rio 2016 e deixou dúvidas quanto ao seu desempenho, caso participe de Japão 2020. Mesmo assim, ele é um ídolo do esporte paralímpico brasileiro, principalmente pelo seu incrível feito de bater Pistorius. Antes disso, ele foi prata em Pequim (2008).

Por fim, é importante ressaltar que por mais que os Jogos Paralímpicos tenham seus ídolos, como Clodoaldo Silva, Daniel Dias e Therezinha Guilhermina, durante a Rio 2016, a mídia adotou a expressão “super atletas” em alusão ao termo super-heróis para se referir a todos os atletas paralímpicos. Sobre isso, o ex-atleta Mário Sérgio Fontes, que participou das Paralimpíadas de Nova York, em 1984, e de Seul, em 1988, critica este tipo de tratamento com paradesportistas. “As pessoas com deficiência podem ser mocinhos ou bandidos, como outras quaisquer. Não gosto muito dessa supervalorização. Para mim, isso é uma discriminação ao contrário”, disse o pioneiro do esporte para cegos em entrevista à Agência Brasil.²⁴

²⁴ CRAIDE, Sabrina. Atletas com deficiência não são super-heróis, diz pioneiro do esporte para cegos. EBC Brasil. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/rio-2016/noticia/2016-09/atletas-com-deficiencia-nao-sao-super-herois-diz-pioneiro-do-esporte-para>
Acesso em: 14/05/2017

4.2.1 O herói Daniel Dias

Clodoaldo Silva, o “tubarão”, conquistou seis medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos de Atenas, 2004, e fez história no esporte brasileiro. O atleta anunciou aposentadoria após conquistar a prata na prova de revezamento 4 x 50 metros livre na Rio 2016. Foi o “tubarão” e o seu desempenho magnífico em Atenas quem inspirou o maior medalhista masculino dos Jogos Paralímpicos, com 24 medalhas: Daniel Dias.

Nascido sem parte dos dois braços e da perna direita por causa de malformação congênita, Daniel foi criado em Camanducaia, sul de Minas Gerais, em uma família humilde (*Nascimento Complicado*). Aos cinco anos, foi pela primeira vez para a escola onde sofreu com preconceito das outras crianças e foi chamado de saci e aleijado.

Depois de ver Clodoaldo em Atenas (2004) pela televisão, Daniel procurou a natação. Na academia onde começou a ter aulas, foi convidado para treinar com uma equipe todos os dias (*Educação Iniciática*). O atual campeão paralímpico pensou se tratar de uma equipe composta apenas por pessoas com deficiência, mas não. “Eu era o único deficiente, então eu não queria perder para a galera e eles também não queriam perder para um deficiente e isso me ajudou demais no início da minha carreira”²⁵

Foi com muito treino e aperfeiçoamento técnico que Daniel Dias conseguiu chegar a Pequim (2008) (*Chamado à Aventura*). “Essa habilidade toda é no trabalho de perna ondulatória. É com isso que ele se desloca. Porque ele não tem mão, ele não tem apoio, ele não tem equilíbrio”, explica Marcos Rojo, treinador do nadador. Além disso, o atleta ressalta a importância de estar com a parte mental bem preparada. Em Pequim, ganhou quatro medalhas de ouro, quatro de prata e uma de bronze. O momento mais marcante e emocionante de sua participação nesta edição Jogos Olímpicos foi a prova de 50 metros costas, categoria S5, quando ganhou nos últimos segundos do recordista mundial, o chinês Junquan He (*Provas Iniciáticas*).

Daniel já chegou para os Jogos de 2012 como um grande atleta e como porta-bandeira do Brasil na cerimônia de abertura. Nesta competição, conquistou seis medalhas de ouro. Já na Rio 2016, garantiu quatro medalhas de ouro, três de prata e duas de bronze para o Brasil, consagrando-se como o maior campeão paralímpico masculino. Agora, Daniel é o exemplo (*O Retorno*).

²⁵ Daniel Dias, atleta paralímpico, emociona plateia com sua história de superação. GShow. Disponível em: <http://gshow.globo.com/tv/noticia/2016/09/daniel-dias-atleta-paralimpico-emociona-plateia-com-sua-historia-de-superacao.html>
Acesso em: 14/05/2017

Eu fico feliz de ser um exemplo, eu acho que o país está carente disso, de bons exemplos, e eu espero ser um bom exemplo e continuar sendo para que realmente aconteça realmente o que você falou. Para que chegue uma criança e fala: te vi pela TV e resolvi fazer e hoje estou aqui superando as suas conquistas. (...) Eu nunca imaginei assim, foi algo que o esporte me proporcionou, porque digamos que eu não sou um modelo para exemplo, se a gente pensar hoje na sociedade. Eu, um deficiente ser um exemplo. E hoje eu vejo pais vindo falar e apresentar o filho, dizendo 'eu quero que meu filho te conheça, porque você é um exemplo para toda a família'. Isso aí não tem preço para mim.¹³

4.2.2 O caso Ricardo Costa

Ricardo Costa é natural de Três Lagoas, no Mato Grosso do Sul, e foi diagnosticado aos 14 anos de idade com Síndrome de Stargardt, doença degenerativa que afeta a visão. Quando teve o diagnóstico, a doença já estava em estágio avançado e Ricardo perdeu a visão por completo. Em 2016, ele conquistou a primeira medalha de ouro do Brasil nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro no salto em distância, categoria T11 (para cegueira total). Antes disso, o atleta havia competido pela primeira vez internacionalmente em 2015, no Mundial de Doha, no Catar, sem pódio.

A mídia, contudo, não destinou muito espaço da cobertura do evento para a conquista do Ricardo. Conforme será observado no próximo capítulo, o pódio foi pauta para apenas uma matéria no jornal O Globo, no dia seguinte à vitória. Além do pouco espaço, a narrativa utilizada pode ser considerada rasa, uma vez que não aborda profundamente a trajetória do atleta, não detalha os saltos que culminaram no ouro, muito menos suas estratégias. Para completar, o discurso pode ser considerado descritivo, sem apelos sentimentais.

No mesmo dia em que Ricardo se consagrou medalhista paralímpico pela primeira vez, Daniel Dias, horas mais tarde, conquistou seu primeiro ouro na competição. Apesar de o herói ter tido o mesmo espaço de Ricardo Costa no jornal O Globo, o discurso que o veículo utiliza para abordar o feito é muito diferente. Com forte apelo emocional, o periódico o trata como um herói paralímpico.

Difícil não ficar impressionado com as lágrimas nos olhos marejados de um atleta que só quer fazer a torcida sorrir. E Daniel Dias arrancou uma onda de sorrisos do público do Estádio Aquático ontem, ao conquistar o ouro nos 200m livre S5 (limitação físico-motora), a primeira das nove medalhas que pode ganhar na Paralimpíada, e

chegar ao tricampeonato da prova. Antes do discurso de inclusão que viria a fazer, ele pregou um mundo novo, a mesa frase do slogan dos Jogos. Só que não falava apenas de rampas de acesso ou outras facilidades. Ela pregava a felicidade.

Além disso, quando comparado ao nadador Michael Phelps, a matéria traz uma fala de Daniel que diz: “Eu fico feliz de ser associado a Michael Phelps, mas eu sou o Daniel Dias e quero conquistar o espaço de atleta paralímpico.” Na publicação sobre a conquista de Ricardo Costa, que comparou sua vitória à do atleta olímpico Thiago Braz, ao contrário, o repórter traçou o paralelo sem dar chance ao atleta de dizer o que pensa disso.

Para completar, pode-se dizer que, o fato de ter sido destinada apenas uma matéria à conquista de Daniel não significa falta de prestígio do atleta na mídia. Isto porque o nadador teria ainda oito chances de medalhas e, tendo em vista a sua trajetória, as expectativas de pódio em todas as provas disputadas pelo atleta eram altas desde o início da competição. De fato, Daniel conquistou pódio em todas as provas da Rio 2016.

A partir dessas análises, é possível concluir que Ricardo Costa não possui ainda todas as características necessárias para ser considerado um herói. O atleta não conquistou várias medalhas e, aos olhos da mídia, não deixou um legado, ainda que tenha sido o primeiro brasileiro a subir no pódio mais alto na Rio 2016. Além disso, o fato de Daniel ter conquistado ouro no mesmo dia, pode ter ofuscado Ricardo.

Para completar, a modalidade disputada por Ricardo está inserida no atletismo, que, historicamente, rende muitas medalhas ao Brasil. Isto torna ainda mais difícil para que o atleta consiga se diferenciar dos demais participantes de outras modalidades dentro do esporte. O saltador tem ainda muito a conquistar até ser consagrado como um ídolo das Paralimpíadas perante a mídia.

5. ESTUDO DE CASO: A REPERCUSSÃO DO PRIMEIRO OURO OLÍMPICO E PARALÍMPICO NO JORNAL O GLOBO

O objeto de estudo escolhido para atingir o objetivo central deste trabalho, que é realizar uma análise comparativa entre a cobertura dos Jogos Olímpicos e dos Jogos Paralímpicos Rio 2016, foi o jornal O Globo. O recorte selecionado foi a repercussão do primeiro ouro em cada uma das competições no veículo em questão, por ser um momento marcante de grande expectativa nacional.

O motivo da escolha pelo jornal O Globo como objeto de estudo para este trabalho foi a sua relevância no cenário nacional, além de ser o principal jornal do Rio de Janeiro, cidade-sede dos jogos da Rio 2016. A audiência nacional do veículo em fevereiro de 2016 era de 14,3 milhões de brasileiros, na média mensal, segundo a Métrica Única de Audiência, lançada pela Associação Nacional de Jornais (ANJ) em 2015. Tal metodologia reúne dados do Estudo Geral de Meios (pesquisa feita pelo Ipsos), do Media Metrix, e do Instituto Verificador de Comunicação (IVC) aumentando a precisão dos resultados.²⁶

O veículo produziu, ainda, um caderno especial durante os Jogos Olímpicos, com versões em português e em inglês, que foi distribuído gratuitamente no Parque Olímpico, na Vila Olímpica e no Boulevard Olímpico do Porto, do dia 4 ao dia 22 de agosto. Contudo, durante o período dos Jogos Paralímpicos não foi produzido caderno semelhante. Desta forma, as publicações realizadas neste caderno não foram analisadas.

Com o mesmo intuito, é importante ressaltar que o caderno de esportes do jornal produzido após o primeiro dia de competições em cada um dos eventos possuem tamanhos bem diferentes. Enquanto o caderno veiculado no dia 7 de agosto, subsequente ao primeiro dia de provas dos jogos Olímpicos possuía 20 páginas, o suplemento do dia 9 de setembro, subsequente ao primeiro dia de provas dos Jogos Paralímpicos, possuía apenas seis páginas.

5.1 O primeiro ouro olímpico

O primeiro ouro brasileiro nas Olimpíadas Rio 2016 foi conquistado pela judoca Rafaela Silva, na categoria até 57 quilos, no dia 8 de agosto de 2016 na Arena Carioca

²⁶ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/02/1744085-no-impresso-internet-e-celular-folha-e-jornal-de-maior-alcance-do-pais.shtml>
Acesso em: 15/04/2017

2, no Parque Olímpico da Barra da Tijuca. A vitória veio três dias depois da cerimônia de abertura dos Jogos, em cima da mongol Sumiya Dorjsuren, com um golpe conhecido como *wasari*, aplicado logo no início do confronto.

Ao analisar a cobertura jornalística feita pelo jornal O Globo, pode-se perceber que o veículo não abordou apenas a conquista da atleta profissional, mas também – e principalmente – a história por trás dessa vitória. Ao longo das duas edições subsequentes ao dia da conquista (dias 9 e 10 de agosto) o veículo dedicou cinco matérias, quatro boxes e um infográfico à Rafaela Silva. Além disso, o renomado colunista Fernando Calazans escreveu uma coluna sobre a atleta na edição do dia 10.

A judoca, que sofrera ofensas racistas nas Olimpíadas de Londres 2012 após perder a segunda luta da competição ao tentar aplicar um golpe ilegal, é nascida e criada na Cidade de Deus, uma das maiores comunidades do Rio de Janeiro, localizada próxima ao palco da vitória olímpica. Foi em cima desses fatos que o jornal construiu sua narrativa sobre o acontecimento e estruturou suas pautas.

No dia 9 de agosto, o ouro de Rafaela Silva ocupou não apenas a capa do caderno de esportes (anexo 1), como também foi a principal matéria de capa do primeiro caderno do jornal O Globo (anexo 2). Na edição, o veículo trouxe um relato de como a judoca conquistou o ouro (anexo 3). Nesta matéria pode-se destacar o uso de palavras que reforçam a garra da judoca para vencer os confrontos, além de direcionar o leitor a acreditar que a vitória seria o único desfecho possível. Tudo isso fica evidente logo na primeira frase do texto: “O olhar concentrado misturado com raiva de Rafaela Silva já deixava claro que a medalha de ouro olímpica só sairia da Arena Carioca 2 em seu peito.”²⁷

Ao longo da matéria, outros recursos foram utilizados para enfatizar a determinação da atleta, com o uso de palavras e expressões como “imbatível”, “punho firme” e “poder desproporcional”. Já a abordagem da vitória como sendo uma simples fatalidade foi repetidamente reforçada, como é possível observar nas seguintes frases retiradas do texto: “[...] Rafaela não via possibilidade de outra pessoa pisar no lugar mais alto do pódio”; “[...] Rafaela já sabia que a vitória sobre a romena (na semifinal) seria questão de tempo”; e “Lutar a final lhe pareceu apenas um simples compromisso, uma formalidade”.

²⁷ COSTA, Victor. Pegada forte de dona do pedaço: Com punho firme e lutando perto de casa, Rafaela Silva mostrou desde a primeira luta que ninguém lhe tiraria a medalha de ouro. *O Globo*, Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p. 3, 9 ago. 2016.

Já a segunda matéria do dia sobre o assunto (anexo 4), publicada na página quatro do periódico, enfatizou a superação da atleta que, além de passar por cima da “dor de uma derrota”, teve que superar também as ofensas racistas que sofreu em Londres 2012. Novamente, o fato de ser nascida e criada na Cidade de Deus, próximo ao local de competição, além de morar na Taquara, também na região, foi abordado como uma vantagem.

O repórter Miguel Caballero reconstituiu o dia de lutas da judoca lembrando sempre o que ela passara quatro anos antes, como fica evidente a partir do seguinte trecho ainda na introdução: “Cada gesto no seu dia dourado remetia a Londres 2012”. De acordo com a narrativa do jornalista, além de cortar o acesso às redes sociais pelo celular – a atleta fora ofendida quatro anos antes via redes sociais –, Rafaela evitou olhar para a arquibancada ao longo do dia para se esquivar de possíveis provocações da torcida. Essa ideia de que o que a judoca passou em Londres 2012 estava presente durante todo o seu dia de lutas foi reforçada com a utilização da seguinte fala da campeã:

– Falaram que judô não era para mim, que eu era vergonha para a minha família, que lugar de macaco era na jaula e não na Olimpíada. O maior ícone do esporte, Teddy Riner, é negro. Para esses posso provar aonde cheguei. Não tem recado, tem a medalha no meu peito²⁸

Na mesma página, um boxe traz o efeito que o ouro de Rafaela para os pequenos atletas que são formados no Instituto Reação, na Cidade de Deus, onde ela teve o seu primeiro contato com o judô (anexo 5). A emoção e alegria deram o tom à nota. Trazendo falas de pessoas ligadas à ONG idealizada por Flávio Canto, medalhista olímpico em Atenas 2004, o texto reflete admiração pela trajetória da menina que “gostava de soltar pipa e jogar bola, brigava na rua”, e que virou aluna da Instituição porque seu pai queria que ela colocasse sua força no esporte.

Encerrando a página quatro da edição do dia 9 de agosto do O Globo, um infográfico, com imagens, descrições e comentários, retrata a sequência de golpes que culminou na vitória olímpica de Rafaela (anexo 6).

²⁸ CABALLERO, Miguel. Ouro negro e carioca: Da insônia de véspera às entrevistas da vitória, da entrada cabisbaixa no tatame ao pensamento no pódio, o catártico dia de ouro de Rafaela expurgou pesadelos de Londres-2012. *O Globo*, Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p. 4, 9 ago. 2016.

Ainda nessa edição, a página cinco do veículo é aberta por uma entrevista com Geraldo Bernardes, técnico de Rafaela desde os 8 anos, que destaca o caráter social da conquista da judoca (anexo 7). Nesse texto, percebe-se um apelo ao contexto social no qual a atleta está inserida, principalmente, durante sua infância. O sofrimento pelo qual passou, que se estende também a todas as crianças que vivem em situação de violência dentro de favelas, e a agressividade “por vir de comunidade” foram destacados. Além disso, o técnico ressalta repetidamente que via Rafaela como uma potência, um talento a ser lapidado exatamente por conta de sua agressividade. Aqui, a fúria de Rafaela é destacada como diferencial que, direcionada para o judô, contribuiu para a garra tantas vezes destacada na primeira matéria da edição e que a ajudou a conquistar a medalha dourada.

Ao lado da entrevista com o técnico, o jornal traz um box escrito por Flavio Canto. Novamente, o caráter social da medalha foi destacado (anexo 8).

Rafaela já era uma mostra real do poder de transformação do judô. Era uma menina que poderia ter seguido o caminho da violência caso o esporte não tivesse entrado em sua vida. Com essa medalha no peito, ela conseguiu colocar um holofote ainda maior neste potencial. O esporte só tem a agradecer por isso.²⁹

Na edição do dia seguinte, mais de Rafaela Silva recheando o Caderno de Esportes do jornal O Globo. A página quatro do dia 10 de agosto traz matéria sobre a repercussão da vitória na Cidade de Deus (anexo 9). A todo momento é mostrado o contraste entre a alegria e a esperança geradas pelo ouro olímpico aos moradores da região com a verdadeira realidade de violência diária do local. Em especial, a fala do major Roberto Valente, comandante da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), chama a atenção para a esperança de que a conquista dê força para as ações sociais envolvendo esporte no local, que têm como principal objetivo impedir que crianças e adolescentes sigam o caminho do crime.

O texto sensibiliza por relatar o efeito sobre as crianças, que diziam querer “ser lutador” e “ganhar uma Olimpíada” e passaram o dia aplicando golpes umas nas outras nas ruas inspirando-se na judoca. Em seguida, o choque da realidade: são expostos dados do IBGE que mostram que a região, que possui áreas de extrema miséria com

²⁹ CABALLERO, Miguel; COSTA, Victor; ZOBARAN, Eduardo. ‘Medalha de sabor social’, diz professor: Técnico de Rafaela desde os 8 anos está com refugiados no Rio e vê valor humano no título. *O Globo*, Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p. 5, 9 ago. 2016.

“casebres erguidos com pedaços de madeira e PVC”, apresenta um dos Índices de Desenvolvimento Humano mais baixos do município. A fala de um menino de 10 anos morador de uma dessas localidades resume o contraste, entre alegria e esperança com a violência diária, que é construído ao longo de toda a narrativa.

– Foi muito legal, né? Eu também lutava! Lutava boxe, mas tive que parar por causa de alguns problemas... – comentou Diogo, de 10 anos, evitando falar dos frequentes tiroteios. – Acho que a situação vai melhorar, aí poderei voltar. Quero ser lutador.³⁰

Na mesma página, o veículo apresenta entrevista com o *coach* de Rafaela Silva, Nell Salgado, em um boxe (anexo 10). Assim como seu técnico, Nell destaca a raiva e a superação da judoca. A concentração, assim como na primeira matéria da edição do dia anterior, foi enfatizada. O segundo boxe da edição traz um pouco sobre o Instituto Reação e aborda sua missão de “alcançar transformações sociais por meio do judô”, além de abordar, mais uma vez, a judoca como exemplo e inspiração para as crianças e adolescentes (anexo 11).

O jornal reservou, ainda, espaço para entrevista com a judoca (anexo 12), onde a temática “superação” foi o ponto de partida. Já a infância na comunidade pobre e violenta do Rio de Janeiro e o temperamento agressivo desde pequena foi relacionada ao esporte. A atleta destaca a importância de conseguir canalizar a agressividade na luta. Em 2014, quando ainda tentava se recuperar de Londres 2012, Rafaela diz que perdeu essa agressividade dentro dos tatames. Para ajudá-la, a judoca relembra o papel da sua *coach* Nell Salgado: “Ela perguntava ‘Cadê o Zé Pequeno, Rafa? Solta essa favela.’ E deu certo, voltei a ter bons resultados”. Foi então que o jornalista completou o paralelo já traçado por Rafaela: “Sem a infância na Cidade de Deus, Rafaela não teria conquistado a medalha. Sem a história de Rafaela, o judô seria um esporte sem cor, sem graça”.³¹

O “ouro negro” de Rafaela, como foi chamado pelo jornal O Globo em uma de suas matérias, rendeu, por fim, assunto para uma coluna do Fernando Calazans,

³⁰ BOTTARI, Elenice. Sob o efeito Rafaela: Cidade de Deus esquece seus problemas para vibrar com a campeã, e ruas viram tatames para a criançada empolgada. O Globo, Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p. 4, 10 ago. 2016.

³¹ COSTA, Victor. Favela corre na veia: ainda confusa com a medalha de ouro, Rafaela Silva sabe que sua conquista representa mais que uma história de superação. O Globo, Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p. 5, 10 ago. 2016.

renomado jornalista e cronista esportivo (anexo 13). No seu espaço dentro do veículo, o colunista destaca a capacidade das Olimpíadas de “tocar o coração das pessoas”, expondo “sobretudo, o lado humano” dos atletas. Para confirmar isso, Calazans utiliza a história da judoca, nascida na Cidade de Deus e que superou inúmeras adversidades para, enfim, chegar ao lugar mais alto do pódio.

Essas foram as principais matérias dedicadas à vitória olímpica de Rafaela Silva do judô. A segunda medalha dourada do Brasil só veio sete dias depois, no dia 15 de agosto conquistada por Thiago Braz no salto com vara, no Estádio Olímpico Nilton Santos.

5.2. O primeiro ouro paralímpico

O primeiro ouro brasileiro nos Jogos Paralímpicos Rio 2016 veio no primeiro dia de competições no salto em distância, categoria T11 (para cegueira total), com Ricardo Costa. O palco da conquista foi o Estádio Olímpico Nilton Santos, no dia 8 de setembro de 2016. A prova foi marcada por reviravoltas e pela disputa com o americano Lex Gilletti, atual recordista mundial (6,73m). O brasileiro, que se manteve líder até o quarto salto, foi superado pelo americano na quinta tentativa, quando alcançou 6,44m. A vitória só veio no último salto, quando Ricardo superou o rival atingindo a marca de 6,52m, garantindo a primeira medalha dourada para o Brasil.³²

A conquista foi destaque na capa do primeiro caderno do jornal O Globo (anexo 14), além de ocupar a primeira página do Caderno de Esportes do veículo. Para o feito, o periódico dedicou apenas a matéria da primeira página do suplemento de esportes na edição subsequente ao dia da vitória (anexo 15). Nela, pode-se perceber que, apesar de falar sobre a trajetória do atleta, os saltos que culminaram no ouro, suas estratégias e sobre sua família (sua irmã, Silvana Costa, é campeã mundial na mesma categoria e iria competir na mesma semana nas Paralimpíadas), apenas o último ponto tenha sido mais detalhado.

A narrativa começa com uma explicação de como Ricardo perdeu a visão. Foi aos 2 anos que sua mãe percebeu que o atual atleta paralímpico tinha algum problema

³² FONTES, Carolina & MOTA, Cahê. Voo para história! Ricardo Costa leva o ouro no salto em distância para cegos. Globoesporte.com. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/paralimpiadas/noticia/2016/09/voo-para-historia-ricardo-costa-leva-o-ouro-no-salto-em-distancia-para-cegos.html>
Acesso em: 16/04/2017

de visão. Contudo, “os médicos do único posto de saúde de Três Lagoas, uma cidade no Mato Grosso do Sul, não conseguiam identificar seu problema”. Depois, descobriu-se que ele sofria da síndrome de Stargardt, que fez sua visão degenerar totalmente nos primeiros anos de vida. Apesar de dizer que a doença é degenerativa, informações relevantes sobre a doença são deixadas de fora.

A síndrome de Stargardt é uma doença genética associada ao gene recessivo, ou seja, para a criança nascer com a condição, é necessário que tanto o pai quanto a mãe possuam este gene. Nesses casos, as chances de a criança nascer com a síndrome é de 25%. Apesar de parecer que a combinação de tais fatores seja difícil de ocorrer, a síndrome de Stargardt é uma das formas mais comuns em sua categoria (degeneração macular juvenil congênita). Não existe tratamento, apenas formas de evitar que a doença se desenvolva com rapidez, como por exemplo, o uso de óculos escuros com proteção para raios UVA e UVB.

Em seguida, o repórter Victor Costa começa a contar os eventos do dia que culminaram na conquista “em grande estilo”. Nesta parte, o jornalista traça uma comparação com Thiago Braz, campeão olímpico na Rio 2016 no salto com vara, que também ganhou a competição no último salto. Contudo, alguns pontos importantes não foram detalhados.

Ricardo conquistou o ouro em seu último salto, fazendo a melhor marca de sua vida para superar o americano Lex Gilletti, que é o atual recordista mundial da prova, com 6,73m, e ficou com a medalha de prata com 6,44. O ucraniano Ruslan Katyshev (6,20m) completou o pódio.

Ricardo era o último a saltar no Engenhão. Quando foi para sua tentativa derradeira, ele já estava com a prata garantida, mas precisava melhorar em um centímetro seu desempenho para igualar com o americano.³³

A dinâmica da prova não foi explicada pelo jornalista. Para o maior entendimento da competição, é importante destacar que nesta categoria (para totalmente cegos) os atletas correm sem o contato com o guia, sendo orientados apenas pelos avisos sonoros dos mesmos, o que torna tudo ainda mais difícil. De acordo com matéria publicada posteriormente no jornal O Globo, ao tratar da prova da irmã de Ricardo, “a

³³ COSTA, Victor. Ricardão do Pulo: Na última tentativa, sul-matogrossense marca o melhor salto de sua vida, ultrapassa o recordista mundial e conquista o primeiro ouro do Brasil. O Globo, Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p. 1, 9 set. 2016

consequência deste nível de dificuldade é que, muitas vezes, os atletas ou perdem o traçado e saem da pista, ou saltam já na areia, ou evitam acelerar”.³⁴

Além disso, o fato de que Ricardo se manteve líder com folga durante quase toda a competição e só foi superado no quinto salto pelo americano, que ainda não havia alcançado a marca dos 6m durante a prova, ficou de fora do texto. A adrenalina e a emoção que quem estava presente no Engenhão sentiu ao ver que, no quinto salto o brasileiro ficou atrás de Gilletti por apenas um centímetro, conseguindo a consagração apenas no último salto, só foram transmitidas a partir da comparação com o feito do atleta convencional Thiago Braz na Olimpíada.³⁵

Na sequência do texto, o jornalista fala um pouco sobre a estratégia do atleta, que consiste em blindar-se durante a competição para não saber os resultados de seus adversários. Aqui, uma curiosidade é amplamente abordada pelo repórter, pois, de alguma forma, antes de realizar o salto da vitória, Ricardo já sabia que estava a um centímetro de vencer o americano. Falas do próprio atleta e, posteriormente, de um de seus guias foram utilizadas para tentar desvendar como ficara sabendo. Contudo, a conclusão foi: “o mais provável é que Ricardo tenha escutado alguém comentar a informação no telão”.

A importância dos guias para a prova é destacada em fala do atleta, que diz que é a partir da contagem do profissional que ele sabe quando é a hora exata para arriscar o salto. Depois, a narrativa se desenvolve para o papel do esporte na vida de Ricardo e na sua relação com a doença.

– Eu era uma pessoa que não fazia muita coisa, não saía de casa até 2004. Aí descobri as corridas de longa distância. Corria maratona, meia... Hoje sou um atleta profissional, campeão paralímpico, e já viajei pelo mundo.³⁶

³⁴ DOS ANJOS, Márvio. Na classe T11, a versão mais cruel do salto em distância da Paralimpíada. Jornal O Globo. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/esportes/na-classe-t11-versao-mais-cruel-do-salto-em-distancia-da-paralimpiada-20129716> Acesso em: 16/04/2016.

³⁵ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/paralimpiadas/noticia/2016/09/voo-para-historia-ricardo-costa-leva-o-ouro-no-salto-em-distancia-para-cegos.html> Acesso em: 16/04/2017

³⁶ COSTA, Victor. Ricardão do Pulo: Na última tentativa, sul-matogrossense marca o melhor salto de sua vida, ultrapassa o recordista mundial e conquista o primeiro ouro do Brasil. O Globo, Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p. 1, 9 set. 2016

Após um breve histórico da vida de atleta profissional de Ricardo, com as suas marcas e competições, a matéria abordou sua relação com a irmã Silvana, que compete na mesma categoria. Com a brincadeira “ciúmes em família”, o jornalista aponta que, agora, quem possui o título mais importante na família é ele. “Mas pode ser que mude novamente caso Silvana ganhe sua competição na sexta-feira da semana que vem” – o que de fato aconteceu. Essa brincadeira é reforçada com o uso de uma fala do atleta sobre sua relação com a irmã, que é encerrada da seguinte forma: “Mas, nesse momento, sou o único campeão paralímpico na família”.

O segundo ouro dos Jogos Paralímpicos Rio 2016 veio no mesmo dia na parte da noite no Estádio Aquático da Barra, com o nadador Daniel Dias nos 200m livre, categoria S5 (limitação físico-motora).

5.3. Análise comparativa da cobertura das duas conquistas

Logo à primeira vista, ao correr os olhos pelos cadernos analisados, pode-se destacar a diferença de espaço dedicado à repercussão do primeiro ouro olímpico e da primeira medalha dourada paralímpica. Enquanto a atleta convencional, Rafaela, foi destaque em cinco matérias, quatro boxes, um infográfico e uma coluna do Fernando Calazans, no caderno de esportes, o atleta paralímpico, Ricardo, foi destaque em apenas uma matéria.

Quanto ao conteúdo, percebe-se que exploraram ao máximo a história de Rafaela Silva. Os jornalistas foram desde suas origens na Cidade de Deus e da ONG que a colocou em contato pela primeira vez com o judô quando ainda era criança até o racismo que sofreu em Londres 2012, ao ser eliminada por tentar aplicar um golpe ilegal. A judoca foi retratada como um exemplo e uma inspiração para as crianças e adolescentes que vivem em situação de vulnerabilidade dentro de comunidades pobres e violentas. Sua superação foi exaltada em cada matéria.

No entanto, no caso de Ricardo Costa, muito foi deixado de lado. Suas origens foram resumidas a uma abordagem breve de sua doença. Além disso, não regataram como foi o seu primeiro contato com o esporte, disseram apenas que ele descobriu a corrida. O atleta paralímpico não foi retratado como um exemplo e uma inspiração para as crianças e adolescentes com deficiência visual, ou com qualquer tipo de deficiência. Em nenhum momento lemos a palavra “superação” na única matéria dedicada a contar a sua história.

Outro elemento interessante das publicações são as imagens que ilustram as matérias dos dois atletas. Tendo como base as edições analisadas no jornal O Globo, foram publicadas seis fotos de Rafaela nos dois dias subsequentes à vitória da judoca. A primeira delas foi capa do primeiro caderno do veículo e trata-se de um *close* da judoca com a medalha cobrindo a parte esquerda de seu rosto, uma foto que foi amplamente divulgada em diversos veículos de comunicação. Duas fotos do golpe que culminou no ouro, duas mostrando seu rosto com clareza e uma de corpo inteiro ao lado de seu técnico completaram a galeria de Rafaela.

Já Ricardo teve duas fotos: uma comemorando com seus guias, que foi destaque no primeiro caderno do veículo, e a outra ilustrando a matéria no caderno de esportes na qual aparece de frente, realizando o salto da vitória. Não foram publicadas fotos em *close* de seu rosto. A consequência da diferenciação na utilização das imagens, tanto com relação ao conteúdo como à quantidade, para ambos os atletas é que o rosto de Rafaela Silva ficou nacionalmente conhecido. A imagem da judoca foi trabalhada massivamente pela mídia, tornando-a uma celebridade reconhecida em qualquer lugar, enquanto Ricardo Costa permanece com pouco reconhecimento.

5.4 Investigando os porquês

Thiago Braz ganhou o segundo ouro olímpico brasileiro na Rio 2016 apenas sete dias depois da conquista da judoca. Já na Paralimpíada, a segunda medalha dourada veio no mesmo dia, com Daniel Dias. A medalha de ouro no maior evento esportivo do mundo é motivo para inflamar o orgulho nacional. O atleta que conquista a medalha, o faz em nome de todo um país, levando prestígio e reconhecimento no âmbito internacional.

Historicamente, nas Paralimpíadas o Brasil ganha uma quantidade muito maior de medalhas do que nas Olimpíadas, incluindo de ouro. Como já foi dito anteriormente, os atletas paralímpicos brasileiros conquistaram 14 medalhas de ouro, 29 de prata e 29 de bronze na Rio 2016. Foram 72 duas medalhas em 11 dias de competições, uma média de 6,5 medalhas por dia, sendo 1,2 de ouro. Já na disputa olímpica, as medalhas foram distribuídas em sete de ouro, seis de prata e seis de bronze. Ou seja, foram 19 medalhas em 16 dias de competições. Isso dá uma média de 1,1 medalhas por dia, sendo só 0,4 de ouro.

O que se pode concluir com isso é que o fluxo e o volume de medalhas para o Brasil na competição paralímpica é muito maior do que nas disputas olímpicas. Juntando isso ao fato de que o espaço de um veículo, tanto impresso, quanto televisivo, é limitado, é possível especular que uma das possíveis razões para a diferença de abordagem de ambos os casos seja justamente o fluxo de medalhas. Rafaela foi por sete dias a única campeã olímpica brasileira da Rio 2016, já Ricardo foi por apenas algumas horas o único campeão nacional paralímpico.

Outro ponto a ser analisado como possível causa é o número de modalidades em cada uma das competições. Enquanto as Olimpíadas chegaram ao Rio com 42 modalidades, as Paralimpíadas chegaram com 23. Contudo, nos Jogos Paralímpicos existem diversas categorias dentro de cada competição.

No atletismo, por exemplo, cada prova, seja na pista, onde ocorrem as corridas, seja no campo, onde são realizadas disputas de saltos, lançamentos e arremessos, é seguida por um número, que indica o grau de deficiência do competidor. De 11 a 13, são os deficientes visuais; 20 para deficientes intelectuais; de 31 a 34, são atletas com sequelas de paralisia cerebral (cadeirantes); de 35 a 38, são atletas com sequelas de paralisia cerebral (andantes); 40 para anões; de 41 a 47, são os amputados e outros; já de 51 a 57, são os que competem de rodas (sequelas de poliomielite, lesões musculares e amputações).³⁷

Em 11 dias de disputas, a competição distribuiu 528 ouros, 222 medalhas douradas a mais do que a olimpíada, que distribuiu 306 ouros em 16 dias. Portanto, as Paralimpíadas, que são realizadas durante um período menor, possuem mais provas e mais competições do que as Olimpíadas. Novamente, juntando isso ao fato de que qualquer veículo de comunicação possui espaço limitado para a realização de cobertura jornalística, a grande quantidade de provas poderia dificultar a qualidade da repercussão do evento na mídia, sem o devido preparo da mesma.

Como pôde ser observado no início do presente trabalho, os Jogos Olímpicos são uma competição muito mais antiga. A história das Paralimpíadas é, ainda, muito recente e isso seria um fator relevante no momento de analisar sua cobertura. Quando as Olimpíadas começaram a ser espetacularizadas mundialmente, as Paralimpíadas estavam nascendo e, junto, vieram todas as suas particularidades. Cada categoria é

³⁷ Conheça as modalidades e entenda como são classificados os atletas nas Paralimpíadas. ESPN. Disponível em: http://espn.uol.com.br/noticia/628269_conheca-as-modalidades-e-entenda-como-sao-classificados-os-atletas-nas-paralimpiadas
Acesso em: 21/04/2017

singular dentro da sua modalidade e é verdade que os jornalistas ainda não estão familiarizados com as competições, nem com a sua devida abordagem e este trabalho de conscientização é de extrema importância para a melhora da qualidade da cobertura deste evento.

Para as Paralimpíadas Londres 2012, o Comitê Paralímpico da Grã-Bretanha lançou um guia de imprensa que foi distribuído para os jornalistas. O objetivo do material era justamente orientar e educar os responsáveis pela mídia de como o evento deve ser tratado e levado ao público, que também precisa passar por um processo de conscientização e aprendizado sobre o paradesporto.

Acreditamos que educar o público geral acerca dos atletas paralímpicos e os Jogos Paralímpicos é parte integral da mensagem que queremos passar em 2012 e esperamos que a mídia vá nos ajudar nesta tarefa desafiadora. O sucesso das Paralimpíadas da Grã-Bretanha será medido não apenas por medalhas de ouro e nossa posição final no quadro de medalhas, mas também no efeito que os Jogos Paralímpicos teve no público geral e pelas mudanças na percepção do paradesporto e da deficiência que nós podemos, e devemos, produzir. (BPA, 2012 : p. 8, tradução nossa)³⁸

³⁸ Tradução do Autor. BRITISH PARALYMPIC ASSOCIATION GUIDE TO REPORTING ON PARALYMPIC SPORT. Londres: BPA, 2012, 8 p. Texto Original disponível em: [http://paralympics.org.uk/uploads/documents/imported/ParalympicsGB_Guide_to_Reporting_o
n_Paralympic_Sport_-_June_2012.pdf](http://paralympics.org.uk/uploads/documents/imported/ParalympicsGB_Guide_to_Reporting_on_Paralympic_Sport_-_June_2012.pdf) Acesso em: 22/04/2017

6. CONCLUSÃO

Como foi possível observar ao longo do presente trabalho, a cobertura dos Jogos Olímpicos e dos Jogos Paralímpicos foi feita de forma diferente em cada uma das competições no Rio de Janeiro. Isso fica evidente na análise do caderno de esportes do jornal O Globo, principal veículo impresso da cidade-sede dos Jogos em 2016. O suplemento veiculado no dia subsequente ao primeiro dia de provas dos Jogos Olímpicos (edição de 7 de agosto) teve 20 páginas, enquanto o mesmo caderno veiculado no dia seguinte ao primeiro dia de provas dos Jogos Paralímpicos (edição de 9 de setembro) contou com apenas seis páginas.

Outra evidência da diferença de destaque dado a cada evento foi a produção de um caderno especial apenas durante os Jogos Olímpicos. O impresso foi distribuído gratuitamente em versões em português e em inglês no Parque Olímpico, na Vila Olímpica e no Boulevard Olímpico do Porto durante o evento. O mesmo trabalho não foi realizado durante os Jogos Paralímpicos, que no primeiro final de semana de competições bateu recorde de público no Parque Olímpico, superando o evento que o precedeu.

Como pode ser percebido, as diferenças são grandes, ainda mais em se tratando de eventos realizados “em casa”. Algumas possíveis razões para essa diferenciação podem ser levantadas. A principal é a de que os Jogos Paralímpicos são bem mais recentes do que os Olímpicos. Enquanto os primeiros começaram a ser disputados em 1960, as Olimpíadas teve seus primeiros registros em 776 a.C., sendo reinventado como Jogos Olímpicos da Era Moderna em 1894. São quase dois séculos de diferença considerando apenas a segunda fase das Olimpíadas.

O grande fluxo de medalhas conquistadas pelo Brasil na competição paralímpica e a enorme quantidade de categorias nas modalidades também podem ser consideradas possíveis causas para o menor espaço que o veículo conferiu à competição. Contudo, existe certa falha nessa suposição devido ao seguinte paradoxo que transcende este estudo: o espaço de um veículo, seja impresso, televisivo ou radiofônico, é limitado, mas por que foi possível desenvolver um caderno de 20 páginas para as Olimpíadas e o mesmo não pôde ser feito para as Paralimpíadas?

Sobre o tratamento dado aos atletas, a análise revela que a teoria de Campbell sobre a construção do herói pode ser aplicada tanto aos competidores olímpicos quanto aos paralímpicos. Contudo, questões como o grande número de medalhas conquistadas

historicamente pelo Brasil nos Jogos Paralímpicos e o fato de todos os atletas terem em suas trajetórias a etapa do *Nascimento Complicado*, marcado pela descoberta da deficiência física ou intelectual, faz com que seja mais difícil alcançar a consagração como herói.

Isso fica evidente na comparação entre o tratamento dado à conquista de Rafaela Silva e à vitória de Ricardo Costa. Isto porque, idealmente, a conquista do primeiro ouro olímpico brasileiro teria o mesmo impacto, relevância e, conseqüentemente, o mesmo espaço na mídia que o primeiro ouro verde e amarelo nos Jogos Paralímpicos, o que não se verificou. Em ambos os casos, as conquistas possuem um valor simbólico, uma vez que, além de serem eventos internacionais importantes, estavam sendo realizados no Brasil.

Na análise das narrativas utilizadas pelo veículo, pode-se perceber que o tratamento dado a Ricardo Costa não é o mesmo conferido tanto para seu colega do paradesporto, Daniel Dias, quanto para Rafaela Silva. A razão de tal diferenciação está na já citada teoria de Campbell. A judoca e o nadador são heróis consagrados e, portanto, são tratados como tais. Além de serem destacados como exemplos a serem seguidos que deixaram um importante e inspirador legado para as futuras gerações, é notável o tom de emoção e alegria em cada uma das matérias analisadas. Portanto, conclui-se que as narrativas construídas para aqueles que concluem as importantes etapas da trajetória do herói descrita por Campbell, sejam eles atletas olímpicos ou paralímpicos, são diferentes das narrativas dedicadas aqueles que ainda não zeraram todas as etapas da trajetória do mito.

Ainda com relação ao tratamento dado aos atletas, pode-se perceber que existe um trabalho de educação e conscientização sendo realizado por parte dos Comitês Paralímpicos para que os jornalistas saibam se referir aos competidores e falar sobre a competição de forma respeitosa. Este esforço resulta na melhora da qualidade da cobertura midiática, que, além de ter a função de noticiar fatos e acontecimentos, possui também missão social e educadora para com a população.

Apesar das diferenças na cobertura jornalística em cada uma das competições apontadas pelo presente trabalho, acredito que a Rio 2016 tenha deixado como legado para o Brasil a importância e a necessidade de se falar sobre o paradesporto. Ainda que a maior emissora de televisão do país não tenha transmitido os Jogos Paralímpicos – e tenha sido bastante criticada por tal decisão – e ainda que o jornal impresso mais importante da cidade-sede não tenha destinado tantas páginas ao evento, as pessoas

aderiram à competição. É importante ressaltar, novamente, que o público presente no Parque Olímpico bateu recorde no primeiro final de semana das Paralimpíadas. Sim, existem inúmeras razões envolvidas neste movimento de adesão da população, mas que não cabem discussão aqui proposta.

O presente trabalho buscou contribuir para o desenvolvimento de novas pesquisas acerca do tema, ainda pouco abordado no meio acadêmico. A discussão sobre o interesse pelo desporto paralímpico se torna relevante a cada dia que uma pessoa deficiente decide treinar uma modalidade esportiva. A realização de trabalhos teóricos e científicos pode e deve chamar a atenção do olhar da imprensa para que o interesse pelos esportes paralímpicos seja minimamente semelhante ao dos Jogos Olímpicos.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVIM, Alessandro. Minha Medalha – Rafaela Silva (infográfico). *O Globo*, Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p. 4, 9 ago. 2016.

BARRETO, Marcelo; FREITAS, Armando. Almanaque Olímpico SporTV. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008. 272 p.

BOTTARI, Elenice. Sob o efeito Rafaela: Cidade de Deus esquece seus problemas para vibrar com a campeã, e ruas viram tatames para a criançada empolgada. *O Globo*, Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p. 4, 10 ago. 2016.

CABALLERO, Miguel. Ouro negro e carioca: Da insônia de véspera às entrevistas da vitória, da entrada cabisbaixa no tatame ao pensamento no pódio, o catártico dia de ouro de Rafaela expurgou pesadelos de Londres-2012. *O Globo*, Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p. 4, 9 ago. 2016.

CABALLERO, Miguel; COSTA, Victor; ZOBARAN, Eduardo. ‘Medalha de sabor social’, diz professor: Técnico de Rafaela desde os 8 anos está com refugiados no Rio e vê valor humano no título. *O Globo*, Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p. 5, 9 ago. 2016.

CALAZANS, Fernando. A felicidade de Rafaela: O poder da Olimpíada para tocar o coração e o sentimento das pessoas. *O Globo*, Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p. 5, 10 ago. 2016.

CANTO, Flávio. As lições de Rafaela. *O Globo*, Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p. 5, 9 ago. 2016.

COSTA, Victor. Pegada forte de dona do pedaço: Com punho firme e lutando perto de casa, Rafaela Silva mostrou desde a primeira luta que ninguém lhe tiraria a medalha de ouro. *O Globo*, Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p. 3, 9 ago. 2016.

COSTA, Victor. Favela corre na veia: ainda confusa com a medalha de ouro, Rafaela Silva sabe que sua conquista representa mais que uma história de superação. *O Globo*, Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p. 5, 10 ago. 2016.

COSTA, Victor. Ricardão do Pulo: Na última tentativa, sul-matogrossense marca o melhor salto de sua vida, ultrapassa o recordista mundial e conquista o primeiro ouro do Brasil. *O Globo*, Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p. 1, 9 set. 2016.

DIAS, Katryn. *Heróis em pauta: a cobertura jornalística dos esportes olímpicos*. 2014. 45 f. Monografia (Graduação em Comunicação – Habilitação em Jornalismo) – UFRJ/ECO, 2014.

GALDO, Rafael. Onde o sonho começou, e onde tudo recomeça. *O Globo*, Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p. 4, 10 ago. 2016.

HELAL, Ronaldo. Mídia e Esporte: a construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. Trabalho apresentado no Núcleo de Mídia Esportiva no XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação da INTERCOM. Belo Horizonte, 2003.

_____. “Mídia, Ídolos e Heróis no Futebol”. *REVISTA MOTUS CORPORIS*, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 141-155, 1998.

KESSOUS, Mustapha. *100 histórias dos Jogos Olímpicos*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016. Formato: eBook Kindle. 140 p (com base na edição impressa).

O GLOBO. ‘É amor, tiro, porrada e bomba’: Coach que ajudou judoca de ouro a superar derrota nos Jogos de Londres conta como a incentiva nas lutas e descreve sua relação com a atleta. Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p. 4, 10 ago. 2016.

PARATODOS. Direção de Marcelo Mesquita. Produção de Marcelo Mesquita, Mariana Youssef, Peppe Siffredi e René Sampaio. São Paulo: Sala 12 Filmes, 2016. Exibição no Netflix (110 min.): son., color. Dublado em português.

SCHMIDT, Selma. 'É amor, tiro, porrada e bomba': Coach que ajudou judoca de ouro a superar derrota nos Jogos de Londres conta como a incentiva nas lutas e decreve sua relação com a atleta. *O Globo*, Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p. 4, 10 ago. 2016.

STYCER, Clarissa. Instituto Reação, onde tudo começou: Alunos e equipe da ONG de Flávio Canto celebram a vitória da judoca mais ilustre. *O Globo*, Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p. 4, 9 ago. 2016.

ANEXO 1



TERÇA-FEIRA, 9 DE AGOSTO DE 2016 ANO XCII - Nº 3038 *Trinex Marinho (1876-1925) — (1904-2003) Roberto Marinho* RIO DE JANEIRO oglobo.com.br

RIO2016

Ouro que vem da Cidade de Deus

Rafaela Silva derrota judoca da Mongólia e ganha, a 8km de sua casa, a primeira medalha dourada no Brasil

O judô desencantou no terceiro dia de competições na Arena Carioca 1 e premia uma lutadora em todos os sentidos. A carioca Rafaela Silva, de 24 anos, criada na Cidade de Deus e treinada no Instituto Reações, em Jacarepaguá, chegou à final da categoria até 57kg e venceu Sumiya Dorjsuren, da Mongólia, por wazari, denominação para o golpe quase perfeito na modalidade. Foi a primeira medalha de ouro do Brasil na Olimpíada do Rio. Considerada por especialistas a mais talentosa judoca nacional, Rafaela superou o trauma de Londres-2012, de onde saiu sem lugar no pódio, e lembrou a origem e os riscos da adolescência em meio à violência, que o judô a ajudou a evitar. Hoje, Victor Penalber e Mariana Silva sobem ao tatame.

FLÁVIO CANTO
Rafaela prova como o esporte pode transformar uma vida.

Uma torcida insuperável

Do vôlei de praia às cadeiras do tênis de mesa, barulho da torcida brasileira seduz jogadores estrangeiros, impressionados com gritos surpreendentes.



Lutadora. Rafaela Silva sorri com a medalha de ouro conquistada na Arena Carioca 1. No Instituto Reações, em Jacarepaguá, a campanha foi motivo de festa para atleta mais talentosa

Até a suja Baía recebe elogios

No primeiro dia das regatas de vela, as criticadas águas da Baía de Guanabara, beneficiadas pela frente fria que chegou à cidade, foram elogiadas pelos velejadores da classe Laser e RS:X. O bicampeão olímpico Robert Scheidt estreou no último e no primeiro lugares das duas primeiras corridas da Laser. **CADERNO ESPECIAL**



Sai Neymar, entra Marta

Depois de a torcida gritar "Marta, Marta" diante do vesame do time de Neymar contra o Iraque, torcedores também trocaram de camisa.



MÍRIAM LEITÃO
Viagem ao Centro do Rio mostra novas belezas. **PÁGINA 15**

GENTE BOA
Flávia Saraiva, o novo xodó que voltará a competir hoje.

TIME DE OURO
DAIANE DOS SANTOS
Os ginastas não trouxeram medalha, mas fizeram história.

CRÔNICAS DO DIA
NELSON MOTTA
Graças à Olimpíada, sai a política e entra o esporte.

ZÉLIA DUNCAN
Fico revoltada de ver Neymar desestimulado e sem alegria.

PROGRAMA-SE: DIA DE NATACÃO E DO FUTEBOL FEMININO VEJA NA AGENDA

Processo contra Cunha avança na Câmara

O processo de cassação do deputado Eduardo Cunha (PMDB) foi lido ontem na Câmara. A data da votação em plenário será decidida até amanhã. **PÁGINA 3**

PF intima dona Marisa e Luílnha para depor

A PF em Curitiba intimou a mulher do ex-presidente Lula, Marisa Letícia, e o filho mais velho, Fábio Luis, para depor sobre o sítio de Atibaia. **PÁGINA 5**

Governo pretende exigir seguro para obras públicas

Mudança na Lei de Licitações prevê apólice para garantir entrega de projetos

EXCLUSIVO A proposta para alterar a Lei de Licitações que está sendo negociada pelo governo com o Congresso prevê a exigência de as obras públicas terem um seguro para garantir a entrega dos projetos. A

seguradora ficaria responsável por fiscalizar o cumprimento dos contratos e assumir os compromissos caso a obra pare, informa **DANILLO FARIELLO**. O governo quer ainda unificar em uma só norma o Regi-

me Diferenciado de Contratações, que acelera os processos e já é utilizado em algumas obras, e as práticas hoje exclusivas da Petrobras. O projeto deve ir a votação no Senado na semana que vem. **PÁGINA 15**

PT ainda tenta adiar derrota

O relatório pelo impeachment de Dilma deve ser aprovado hoje no plenário do Senado, mas o PT ainda tenta adiar. **PÁGINA 4**

Pressionado, Meirelles recua

Após críticas do mercado, governo volta atrás e incluirá estudos no projeto que prevê teto para despesas públicas. **PÁGINA 10**

SOCIEDADE DE OUTRO PLANETA

Game mais esperado do ano, "No man's sky" chega hoje ao mercado. **PÁGINA 21**

SEGUNDO CADERNO POESIA MELÓDICA



Antonio Oscar ganha discotributo de Arthur Nogueira.

Preço deste exemplar no Estado do Rio de Janeiro: R\$ 4,00 • Circula com esta edição: Segundo Caderno

O GLOBO

RIO 2016

TERÇA-FEIRA 08.09.2016 3ª EDIÇÃO
oglobo.com.br



Saber cair.
A brasileira reagiu e fez a monge cair sobre as costas, no lance que lhe deu a vitória.

MINA DE OURO

Graças a um par de mãos fortes, a Cidade Maravilhosa aplaudiu a Cidade de Deus. Vinda da comunidade, Rafaela Silva superou o trauma de Londres-2012 para chegar ao alto do pódio. Após a luta final, a judoca disse: "Hoje eu não fui vergonha para a minha família". Foi um orgulho. E para o Brasil inteiro. **PÁGINA 3**



Pegada forte de dona do pedaço

Com punho firme e lutando perto de casa, Rafaela Silva mostrou desde a primeira luta que ninguém lhe tiraria a medalha de ouro

VICTOR COSTA
victor.costa@oglobo.com.br

O olhar concentrado misturado com raiva de Rafaela Silva já deixava claro nas primeiras horas de ontem que a medalha de ouro olímpica só sairia da Arena Carioca 2 em seu peito. Com o torneio acontecendo a oito quilômetros da Cidade de Deus, comunidade onde foi criada, Rafaela não via possibilidade de outra pessoa pisar no lugar mais alto do pódio. E isso ficou ainda mais claro quando ela soltou um berro, mostrando os aparelhos de dentes coloridos em verde e amarelo, segundos antes de entrar no tatame para vencer a mongol Sumiya Dorjsuren na grande decisão, levando o estádio à loucura e fazendo tremer até o tatame.

A conquista de Rafaela teve dois ingredientes básicos. O primeiro foi o fato de lutar no Rio de Janeiro, onde foi campeã mundial em 2013. Em casa, ela mostrou, mais uma vez, que é imbatível. Neste momento, não existe melhor definição para localismo no dicionário do que o próprio nome da judoca carioca. O outro foi a sua dedicação aos treinamentos em relação à pegada. Com o punho firme, ela não deixou nenhuma de suas adversárias à vontade no tatame. Nas quartas de final, ao ser batida pela brasileira, a húngara Hedvig Karakas já havia avisado:

“

“Não tem recado para ninguém. O que eu tenho é uma medalha de ouro no meu peito”

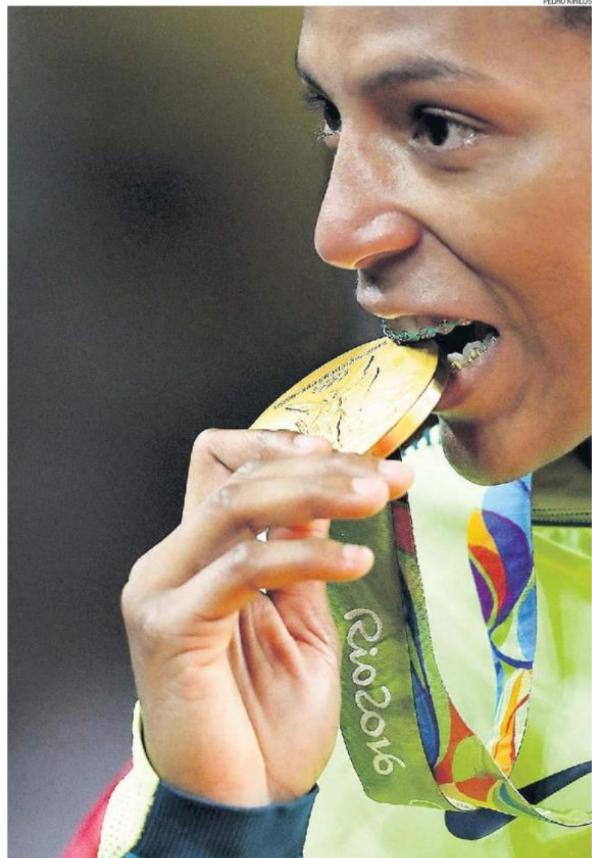
Rafaela Silva
Campeã olímpica

— Rafaela está pegando fogo. Ela vai para o ouro. Está com uma força desproporcional.

Rafaela sabe de onde veio o poder sobrenatural. — Eu senti que as adversárias sentiram a pressão da torcida. Vim ao ginásio anteontem e vi que a torcida estava fazendo tudo tremer. Ali, eu já estava com vontade de pular no tatame — disse a campeã olímpica.

Karakas foi a algoz de Rafaela em Londres-2012. No Rio-2016, a brasileira ganhou uma segunda chance. Na estreia, passou fácil pela alemã Miryam Roper, que havia sido sua primeira adversária no megaevento inglês. Na segunda rodada, a carioca passou pela coreana Jandi Kim com propriedade. Mais do que o wazari que lhe garantiu a vitória, chamou a atenção o fato de uma descabelada Rafaela, de quimono desarrumado, ignorar a paciência e o quimono muito bem amarrado da coreana para passar de fase.

A semifinal contra a romena Corina Caprioriu foi a luta mais tensa. Só foi decidida aos 3min06s do desempate, quando a brasileira encaixou um wazari. A demora, cheia de expectativa, deixou a torcida tensa. Mas Rafaela já sabia que a vitória sobre a romena seria questão de tempo. Tanto é que, num ato de extrema ousadia, por pouco não conquistou a sua vaga na final com um ippon. Mas o wazari já foi o suficiente. Lutar a final lhe pareceu um simples compromisso, uma formalidade. ●



Mordida dourada. Rafaela Silva dá uma dentada na medalha com seus aparelhos coloridos em verde e amarelo



No chão. Rafaela Silva luta com a mongol Sumiya Dorjsuren, na disputa pela medalha de ouro: ela caminhou sempre do vestiário para o tatame de cabeça baixa, concentrada

Ouro negro e carioca

Da insônia de véspera às entrevistas da vitória, da entrada cabisbaixa no tatame ao pensamento no pódio, o catártico dia de ouro de Rafaela expurgou pesadelos de Londres-2012

MIGUEL CABALLERO
miguel.caballero@oglobo.com.br

Se a dor de uma derrota nos Jogos Olímpicos costuma marcar os atletas de alto nível, e leva, na melhor hipótese, quatro anos para ser curada, o racismo é uma ofensa cuja intensidade só pode ser medida pela vítima. Rafaela Silva expurgou as duas ontem. Cada gesto no seu dia dourado remetia a Londres-2012, quando, após chegar como vice-campeã mundial, perdeu na segunda luta por tentar aplicar um golpe ilegal e caiu direto do favoritismo à exposição ao pior tipo de manifestação: irritada com a eliminação, trocou xingamentos por redes sociais com torcedores que a criticaram pelo erro e teve de ouvir ofensas racistas de alguns brasileiros.

O acesso às redes sociais pelo celular foi o primeiro item cortado dos Jogos do Rio. Mas não era só: a cada uma das cinco vezes em que deixou o vestiário da Arena Carioca 2 rumo ao tatame, ela mantinha a cabeça baixa, olhar no chão, para só erguer os olhos já mirados nos da adversária da vez. Não era simples busca de foco, como explicaria depois, mas a estratégia deliberada de evitar qualquer contato visual com a arquibancada que pudesse dar espaço a uma provocação, de compatriotas ou gringos. Ao subir no pódio, ainda antes do hino nacional soar pela primeira vez nesta Olimpíada, o primeiro pensamento foi do inferno de Londres, ela contaria assim que saiu da arena, num desabafo.

— Falaram que judô não era para mim, que eu era vergonha para minha família, que lugar de ma-

caco era na jaula e não na Olimpíada. O maior ícone do esporte, Teddy Riner, é negro. Para esses posso provar aonde cheguei. Não tem recado, tem a medalha no meu peito — disse a campeã olímpica. — O judô é minha vida, desde os cinco anos. Pensei em largar tudo depois de Londres, mas persisti.

A redenção esportiva veio em 2013. Carioca, Rafaela foi campeã no Mundial disputado no Rio, no Maracanãzinho. Lutar bem em casa era uma vantagem apontada para ela, mas desdenhada como algo semelhante a uma superstição por especialistas no judô. Se o título mundial veio na sua cidade, o ouro veio em casa mesmo: dito “da Barra”, o Parque Olímpico fica em Jacarepaguá, mesma região dos sub-bairros da Cidade de Deus, onde ela nasceu, e da Taquara, onde mora atualmente. Os pais que a levaram a uma escolinha de judô para conter a agressividade da criança acostumada a sair no tapa nas ruas da favela onde cresceu vieram ontem da arquibancada a consagração definitiva.

“VINGANÇA” NO MCDONALD’S DA VILA

A avalanche de atenção que atrairá nos próximos dias, Rafaela já experimentou nos minutos seguintes à luta final. Ela arregalou os olhos ao ver a quantidade de gravadores à sua espera na área reservada à mídia impressa. Já era a segunda vez que passava por ali, depois de ter percorrido duas vezes, em seguidas entrevistas, o corredor das TVs, e antes de ir à coletiva oficial dos medalhistas, ainda ontem à noite, a mais uma entrevista na Casa Time Brasil, do COB.

Era o desfecho de um dia que mudará para sempre sua vida mas que é até difícil precisar quando começou:

— Nem dormi à noite, acordava de hora em hora, fico assim nos dias importantes — admitiu, ansiosa para se livrar da dieta imposta para manter-se no peso de sua categoria (até 57kg). — Estou cheia de fome. E ainda não pude ir no McDonald’s da vila. ●

FESTA
INSTITUTO REAÇÃO,
ONDE TUDO
COMEÇOU

Alunos e equipe da ONG
de Flávio Canto celebram
a vitória da judoca mais ilustre

CLARISSA STYCKER*
clarissa.stycker@infoglobo.com.br

Logo após a conquista da primeira medalha de ouro do Brasil nos Jogos Olímpicos do Rio, a judoca Rafaela Silva declarou: "Só quero agradecer a todo mundo, toda a torcida que veio, me ajudou, o pessoal que viu meu sofrimento". O pessoal a que se referiu não estava tão longe. No Instituto Reação, em Jacarepaguá, Zona Oeste do Rio, adultos e crianças explodiam de alegria. Afinal, foi ali onde tudo começou para Rafaela, aos sete anos.

A emoção bate especialmente forte para Rosana Graça, que trabalha na administração do Instituto há 16 anos e acompanha a atleta desde pequena.

— Ela sempre foi muito levada. Gostava de soltar pipa e jogar bola, brigava na rua. O pai queria que ela colocasse essa força no judô. O Geraldo Bernardes, treinador dela até hoje, dizia: "Vou te colocar na Olimpíada". E ela dizia "Que Olimpíada?" — imita.

Daniele Ferreira, que começou no judô junto com Rafaela, era alvo de preocupação no lugar. Grávida de quase nove meses, ela chorava e ouvia gritos de "Segura esse bebê, Daniele!".

— Acho que a emoção é maior porque a gente sabe da trajetória dela. De onde veio, tudo o que teve que passar pra chegar até aqui — disse.

Márcio Ramalho, professor das crianças do Instituto, mostra como o lugar é um celeiro de atletas. Ele tem duas competidoras pan-americanas em seu time, e acredita que Rafaela é "um tremendo exemplo" para os pequenos.

— Para eles verem onde o judô pode levá-los. Eles têm toda as condições que a Rafaela teve. Hoje, são até melhores do que quando ela começou — falou.

Mateus Guimarães, de 11 anos, é faixa laranja e quer ser atleta olímpico como Rafaela.

— Acho que qualquer um de nós pode chegar lá. ●

(*) Estagiária, sob supervisão
de Célia Costa

ANEXO 6



Rafaela conseguiu um wazari com três minutos de luta: "Após o contragolpe a brasileira usou a inteligência e anulou a mongol", afirma Thaty Carvalho, atleta e professora de lutas da rede Bodytech



ANEXOS 7 e 8

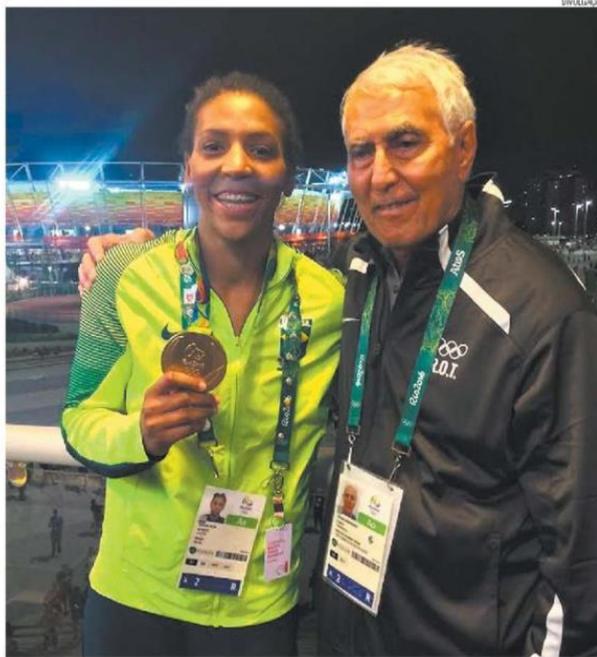
'Medalha de sabor social', diz professor

Técnico de Rafaela desde os 8 anos está com refugiados no Rio e vê valor humano no título

EDUARDO ZOBARAN, MIGUEL CABALLERO E VÍCTOR COSTA
esporteglobo@oglobo.com.br

Tutor, professor e até hoje técnico de Rafaela Silva (mas não mais da seleção brasileira), Geraldo Bernardes está nos Jogos Rio-2016 como treinador de dois judocas que integram o Time Olímpico de Refugiados do COI. Depois de assistir o emocionante ouro de sua pupila, ele aguardou que ela passasse por dois corredores de entrevistas para dar um longo abraço, que coroa uma parceria de 16 anos. A sensibilidade para acolher a menina briguenta levada à sua escolinha na Cidade de Deus pelos pais cansados das advertências escolares se mantém até hoje, na tocante avaliação da medalha de ouro de Rafaela, feita ainda na arena da vitória.

— Olha, estou treinando os refugiados, veja como são as coisas. Eles são exilados de uma guerra declarada, aberta. A da Rafaela, a que ela sofreu, é a guerra diária da violência pela qual as crianças pobres dessa cidade passam até hoje nas favelas — disse "seu" Geraldo, emocionado. — Esta Olimpíada, com esta medalha, para mim tem um sabor social, de amor ao próximo, humanitário. Vi a atleta que começou comigo ser campeã olímpica e ainda conduzi a tocha. Já posso morrer — brincou.



Parceria de sucesso. Rafaela Silva e o professor Geraldo Bernardes: agressividade da menina foi levada ao judô

Não que seja uma novidade para Geraldo Bernardes ver um judoca treinado por ele subir ao pódio olímpico. Com mais de 20 anos de serviços prestados à seleção, já passou pelas duas mãos uma enorme lista de medalhistas: Aurélio Miguel, Rogério Sampaio, Henrique Guimarães, Tiago Camilo, Carlos Honorato e Flávio Canto. No caso de Rafaela, que ele começou a treinar aos 8 anos, Geraldo diz que viu, desde o início, um "diamante bruto" para o judô.

— Eu sabia que ela tinha muito futuro no esporte. Só precisava lapidar. Mas a coisa mais importante era lapidar a pessoa para o esporte e para a vida — diz, para em seguida relembrar a infância da campeã na realidade bruta da Cidade de Deus.

— Ela tinha uma agressividade por vir de comunidade. É aquela coisa "a bola é minha, ninguém chuta", "a pipa é minha", "Eu pulo muro", "dou com gesso na cabeça dos outros". Esta agressividade eu vi desde o início que era muito importante se fosse canalizada para o judô.

Campeã, Rafaela falou repetidas vezes sobre as más lembranças da eliminação e das ofensas de Londres, de quando quase desistiu do esporte, da infância, da família, da importância da torcida nas lutas de ontem e do currículo completo aos 24 anos. Mas parecia respirar mais fundo e procurar alguma calma quando era perguntada sobre Geraldo Bernardes.

— Devo tudo ao professor Geraldo, tudo. Foi

TIME DE OURO



FLÁVIO CANTO



AS LIÇÕES DE RAFAELA

Lembro da primeira vez em que fui para uma viagem internacional com Rafaela e Raquel, que é sua irmã mais velha. Elas eram duas jovens judocas do Reação e fomos para uma Copa do Mundo, na Inglaterra. Eu era um judoca experiente e procurei passar algo para elas. Acabou que as duas medalharam, uma foi prata e a outra bronze, e eu voltei de lá sem medalhas, com um quinto lugar.

Quem me apresentou as duas foi o Seu Geraldo (treinador de judô do Reação). Ele sempre teve um olhar muito clínico para jovens talentos. As duas começaram lá com menos de dez anos de idade, mas Seu Geraldo já avisava que as duas seriam campeãs. Nunca duvidei disso.

Rafaela já era uma mostra real do poder de transformação do judô. Era uma menina que poderia ter seguido o caminho da violência caso o esporte não tivesse entrado em sua vida. Com essa medalha no peito, ela conseguiu colocar um holofote ainda maior neste potencial. O esporte só tem a agradecer por isso.

O ex-judoca, bronze nas Olimpíadas de Atenas-2004, faz parte do Time de Ouro da Globo

ele que acreditou, que me incentivou, que me sustentou mesmo. Agora, acho que tudo que ele fez por mim nesses 16 anos eu posso pagar com essa medalha de hoje — brincou. — Eu não sei o que seria da minha vida se eu não conhecesse o esporte, e o professor Geraldo é o responsável por tudo o que aconteceu desde então.

Se tiver tempo na agenda de nova estrela do esporte nacional hoje, Rafaela pretende voltar à Arena Carioca 2 até sexta-feira para torcer pelos outros judocas brasileiros.

— Espero que esta minha medalha abra as portas para outras do Brasil — disse, em referência aos dois primeiros dias ruins da seleção brasileira no tatame olímpico. ●

ANEXO 9

Sob o efeito Rafaela

Cidade de Deus esquece seus problemas para vibrar com a campeã, e ruas viram tatames para a criançada empolgada

ELENILCE BOTTARI
elenilce@oglobo.com.br

A pequena e espletada Geovana responde com velocidade olímpica o que vai ser quando crescer: "lutadora de judô". Com apenas 4 anos, ela é a prima mais falante de Rafaela Silva. Vivendo na casa onde nasceu o primeiro ouro do Brasil nos Jogos, a menina promete seguir os passos da atleta cuja conquista no tatame sacudiu de alegria, na segunda-feira, a conturbada Cidade de Deus.

— A comunidade estava com uma expectativa muito grande em relação à participação de Rafaela na Olimpíada. Cada luta dela parecia uma final de Copa do Mundo. As pessoas torceram, comemoraram demais. Foi um dia diferente, marcante para todos nós — disse o major Roberto Valente, comandante da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) que, horas mais tarde, voltou à rotina: seus homens entraram novamente em confronto com a facção que controla um exército de jovens na favela de Jacarepaguá.

Valente espera que a medalha de ouro conquistada por Rafaela dê força para ações sociais na comunidade. Ele não tem dúvida de que o esporte é o melhor caminho para afastar crianças do tráfico.

— Temos um projeto de artes marciais para os



Dura realidade. Trecho da localidade chamada de Barracos, uma das áreas mais pobres da favela de Jacarepaguá

jovens. O principal objetivo dessa iniciativa não é o pódio, mas, sim, fazer uma prevenção, ocupar crianças e adolescentes para que o esporte seja a saída de um ambiente perigoso. Atendemos 300 jovens, e Rafaela é a madrinha desse trabalho, sempre o incentivou. Algumas crianças começam uma trajetória parecida com a dela, outras já são vitoriosas por terem se afastado do crime. Rafaela é importante demais porque a gente precisa de exemplo. Quando alguém vai lá e faz, mostra que é possível, temos uma verdadeira festa. Pode não durar muito, mas marca. O que vemos hoje (ontem), tantos moradores felizes, é um efeito da conquista, uma inspiração — afirmou o major da PM.

Na Cidade de Deus, a terça-feira não teve rodinhas de discussões sobre o momento de Neymar, gols mal anulados ou as camisas mais bonitas das seleções de futebol. Foi outro dia de debates animados sobre ippons, wazaris e outros golpes do judô. Entre vizinhos da família Silva, todo mundo, parente ou amigo, contava histórias de convivência com o novo ídolo nacional. As ruas empoeiradas viraram tatames nos quais crianças se agarravam sem parar, derrubando umas às outras e avisando aos adultos: "Viu? Viu? Igual a ela!". João Vitor, de 13 anos, praticante de judô, tirava onda e dava dicas; Brian, de 7, recuperava-se de um tombo e garantia:

— Quero ganhar uma Olimpíada.

Com uma população bastante jovem — 11.500 (23%) de seus 50 mil moradores têm até 14 anos, segundo dados do IBGE —, a Cidade de Deus apresenta um dos Índices de Desenvolvimento Humano mais baixos do município: ocupa a 116ª colocação em um ranking de 126 regiões do Rio. Há locais de extrema miséria, como a localidade chamada de Barracos, cheia de casebres erguidos com pedaços de madeira e PVC. Mas, mesmo ali, a felicidade estava no rosto de todos.

— Foi muito legal, né? Eu também lutava! Lutava boxe, mas tive que parar por causa de alguns problemas... — comentou Diogo, de 10 anos, evitando falar dos frequentes tiroteios. — Acho que a situação vai melhorar, aí poderei voltar. Quero ser lutador.

Um homem que nasceu e cresceu na Cidade de Deus acompanhava com um sorriso cada pequeno dando entrevista. Ele espera que a empolgação generalizada com a conquista de Rafaela não passe tão cedo e lamenta que, hoje, o "esporte" praticado por boa parte da criançada não seja nobre como as modalidades olímpicas:

— Se você for ao campinho ali atrás vai ver um monte de crianças jogando ronda. Sabe o que é? Um jogo de cartas com apostas em dinheiro. Alguns dos meninos têm só 5, 6 anos. É a cultura que estão aprendendo com o tráfico. ●

Coach que ajudou judoca de ouro a superar derrota nos Jogos de Londres conta como a incentiva nas lutas e descreve sua relação com a atleta

‘É amor, tiro, porrada e bomba’

De tanto gritar na segunda-feira, a coach esportiva Nell Salgado acordou ontem com voz rouca e dor de garganta. Não era para menos. Enquanto Rafaela Silva brigava pelo ouro no tatame, ela, da área técnica, incentivava a jovem que acompanha desde 2012. Nell foi fundamental para que a atleta superasse, naquele ano, a derrota nos Jogos de Londres e não abandonasse o judô. A coach se mostra carinhosa, mas firme. Bem-

humorada, ela descreve sua relação com Rafaela: “É amor, tiro, porrada e bomba”.

— Sou um espinho na carne dela. Quanto mais raiva, melhor o resultado — ensina. — Diariamente dou puxões de orelha em Rafaela. Ela tem um gênio forte.

No domingo, Nell ficou das 17h às 21h na Vila dos Atletas preparando Rafaela para a disputa. No dia da luta, a judoca ficou concentrada, sem

conversar com ninguém. Nas horas que antecedem sua entrada no tatame, prefere o silêncio.

— Quando ela está lutando, grito palavras-chaves, expressões que têm sentido forte para Rafaela. “Tua história”, por exemplo — lembra Nell.

A coach revela que um pequeno pecado da atleta é gostar de refrigerante:

— Ela adora Coca-Cola. Não digo para não tomar. Só pergunto “o refrigerante está liberado em sua di-

eta?”. Ontem (segunda-feira), na festa, ela me perguntou se podia beber. Eu disse que sim. Vou deixar ela respirar sem espinho por uma semana.

Foi a irmã mais velha de Rafaela que a apresentou para Nell. Na época, a coach acompanhava Raquel Silva no Instituto Reação.

— No ano seguinte (2013), Rafaela se tornou a primeira brasileira campeã mundial de judô — lembra Nell. (Selma Schmidt) ●



Festa. Geovana (à direita), prima de Rafaela Silva, e outras crianças entusiasmadas com a façanha da lutadora: conquista da medalha de ouro encheu os moradores de orgulho. Agora, a torcida é para que a vitória olímpica inspire a garotada



INSTITUTO REAÇÃO

ONDE O SONHO COMEÇOU, E ONDE TUDO RECOMEÇA

No mesmo tatame em que treina a campeã olímpica, crianças e adolescentes alimentam um sonho igual ao que Rafaela tinha quando começou a usar um quimono — e que já realizou. Elas aprendem judô no polo Cidade de Deus do Instituto Reação, que revelou a medalhista de ouro para o esporte. Volta e meia, assistem de perto aos golpes da atleta. Aprendem também lições de vida que são dadas por Geraldo Bernardes, mesmo treinador que descobriu Rafaela. Ali, ninguém pensa em futebol na hora de apontar um exemplo a seguir.

— Meu ídolo? Rafaela — diz Anna Belém, de 14 anos, uma das promessas do Reação.

Bicampeã pan-americana, a menina é um dos talentos que vêm sendo lapidados pelo projeto, criado em 2003 pelo judoca Flávio Canto. Só na unidade Cidade de Deus, que hoje funciona no campus Freguesia da Universidade Estácio, são 300 alunos, com idade a partir dos 4 anos. Outros 900 frequentam, gratuitamente, os demais polos da ONG (Rocinha, Deodoro, Tubiacanga e Pequena Cruzada). Todos têm a chance de seguir o caminho do esporte de alto rendimento, mas também de alcançar transformações sociais por meio do judô.

— O objetivo é formar faixas pretas dentro e fora do tatame. Muitos não serão medalhistas ou farão do judô uma meta na vida. Mesmo assim, terão autoestima e garra para buscar seus sonhos — afirma Leriane Figueiredo, gerente executiva do projeto.

Se o caminho for o profissional, diz ela, o instituto — que funciona com o apoio da iniciativa privada — também dará o suporte que, no Brasil, costuma ser raro.

Atualmente, no Reação, são aproximadamente 200 atletas nessa trilha. Quatro deles, olímpicos: no Time Brasil, além de Rafaela, há o judoca Victor Penalber, eliminado ontem; e no primeiro Time de Refugiados dos Jogos, os congoleses Popole Misenga e Yolande Mabika, que lutam hoje. E Geraldo Bernardes garante: a geração Tóquio 2020 já está sendo preparada. *(Rafael Galdo)*

Favela corre na veia

Ainda confusa com a medalha de ouro, Rafaela Silva sabe que sua conquista representa mais que uma história de superação

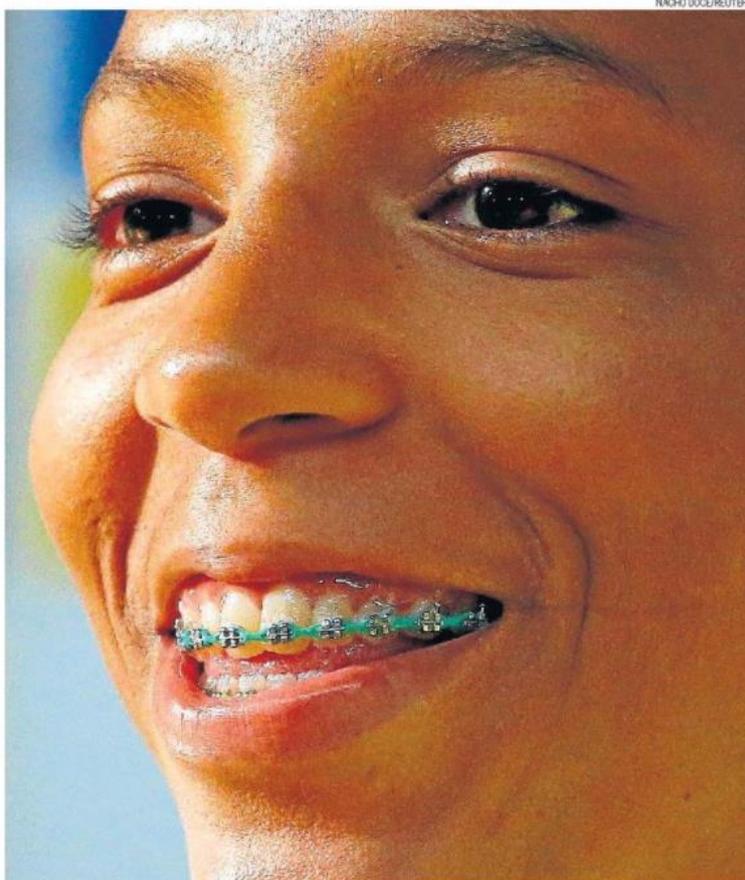
VICTOR COSTA
victor.costa@oglobo.com.br

Pensar que a medalha de ouro de Rafaela Silva é uma história de superação — da menina que escapou de todos os males que há nas favelas cariocas e convive com o racismo — é pouco. Rafaela passou o seu primeiro dia de campeã olímpica, ontem, falando sobre sua infância e da covardia que sofreu em Londres-2012. Mas, ao receber a reportagem numa sala reservada de um dos hotéis mais luxuosos do Rio, a judoca deixou claro que não aceita o papel de vítima. A história de Rafaela no Rio-2016 vai além, é a consagração do que o esporte pode fazer por uma pessoa, e o que uma pessoa pode fazer para o esporte. Afinal, não existe esporte sem atletas.

Rafaela ainda tenta entender o que está acontecendo com ela. Ficou surpresa por sua conta no Instagram ter mais do que sextuplicado, numa noite que ela mal dormiu. Após o pódio e a série quase infinita de entrevistas, a judoca só chegou para descansar na Vila dos Atletas de madrugada. Entrou devagarinho para não acordar Mariana Silva, que dormia no quarto da frente e competiria em poucas horas, mas não teve jeito. Todos queriam entrar em seu quarto para ver a tão desejada medalha dourada. Foi dormir às 4h da manhã e acordou às 8h, para recomençar a bateria de entrevistas:

— Teddy Riner (francês peso pesado), o maior nome do meu esporte e meu ídolo máximo, tem 115 mil seguidores. Hoje, minha conta saiu de 20 mil para 129 mil. Quem vai me explicar isso?

A confusão é tanta que Rafaela, ontem, quase fez jejum. Conseguia ingerir apenas água e suco. De tarde, assessores tentaram fazê-la almoçar. Mas a judoca apenas petiscou salgadinhos diante do farto e sofisticado bufê que lhe ofereceram, enquanto acompanhava as lutas de Vic-



Sorriso de criança. Jejum, sucesso no Instagram e bateria de entrevistas marcam o dia seguinte de Rafaela Silva

tor Penalber e Mariana Silva pela televisão. Nos intervalos, via reprises de suas lutas no torneio.

'CADÊ O ZÉ PEQUENO, RAFA'

Ontem, Rafaela queria mesmo era ter ido para a Arena Carioca 2 acompanhar o quarto dia de judô. Mas foi convencida de que o assédio seria tanto que poderia prejudicar o andamento da competição. À princípio, ela pretende ir para sua casa na Freguesia assim que sair da Vila, no próximo dia 14.

— Eu viajo tanto competindo que eu quero é ficar em casa. Ir visitar minha mãe, que ainda mora na Cidade de Deus (comunidade onde foi criada e que teve um tiroeteio ontem poucas horas depois de a judoca ter subido ao pódio).

Rafaela ainda pensa competir este ano, mas não sabe qual será o seu próximo torneio. Não pensa largar o esporte, conforme cogitou após Londres-2012, pois sabe a importância que ele traz a sua vida, além da própria superação em si. O judô e sua disciplina ajudaram a canalizar to-

da a agressividade e raiva que Rafaela sentia ao tentar se afirmar em sua infância. Em determinados momentos, entretanto, canalizou até demais a ponto de Rafaela relaxar.

— Em 2014, perdi minha agressividade nas competições. Minha coach Nell Salgado me ajudou bastante a superar esta fase. Ela perguntava "cadê o Zé Pequeno, Rafa, solta essa favela". E deu certo, voltei a ter bons resultados. Só técnica não é suficiente para vencer um torneio — conta Rafaela.

Dizem nos bastidores que, para vencer o torneio olímpico de judô, que é curto, é preciso "entrar na porrada", obviamente, respeitando as regras e a disciplina do esporte. Sem a infância na Cidade de Deus, Rafaela não teria conquistado a medalha de ouro. Sem a história de Rafaela, o judô seria um esporte sem cor, sem graça. Rafaela, entretanto, ganhou protagonismo com a medalha de ouro. Mas, na essência, ela é mais uma judoca que busca ser uma pessoa melhor através das lições do tatame. ●

calazans@oglobo.com.br

FERNANDO CALAZANS



A felicidade de Rafaela

O poder da Olimpíada para tocar o coração
e o sentimento das pessoas

Não é preciso entender de judô, como eu por exemplo não entendo, para ser tomado de emoção ao assistir à cena em que Rafaela Silva, nossa medalha de ouro, chorou tanto a ponto de ter de interromper a entrevista à televisão, pouco depois do feito histórico. Ao contrário, a maioria das pessoas presentes não deve ser capaz de discernir o golpe de um lutador.

Aí está a marca característica da Olimpíada: a capacidade de tocar o coração, o sentimento das pessoas, dentro e fora das quadras, pistas e campos de competição. Seja nas arquibancadas próximas, seja em casa, diante da televisão no mundo inteiro. Há outros eventos esportivos, aliás a maioria deles, que provocam essa emoção, esse sentimento, mas nenhum com o poder e a diversidade dos Jogos Olímpicos. Mais do que todos os outros, a Olimpíada expõe não só a força e o talento de jogadores e atletas, mas sobretudo o lado humano dessas (e outras) pessoas.

Ainda mais no caso de Rafaela Silva, que desceu de uma comunidade pobre, na Cidade de Deus, para subir ao pódio mais alto do esporte mundial, num exemplo grandioso de superação. Diz seu treinador, Geraldo Bernardes, figura das mais importantes na formação da atleta e do ser humano, que foi aos

oito anos que a menina entrou em sua escola. Rafaela diz que foi aos cinco. Não faz diferença. Importa que, aos 24 anos, jovem ainda, ela alcançou o objetivo da sua vida, algo que nem todos (ou poucos) conseguem.

Seja feliz, Rafaela.

QUEDA DO FUTEBOL O técnico da seleção masculina de futebol, Rogério Micalle, não chegou a chorar em entrevista, como a Rafaela, mas reagiu, com modos, a certas críticas dos jornalistas.

Claro. Os dois vivem momentos opostos, de glória para Rafaela, de desconfiança para Micalle.

Posso concordar com algumas ponderações do treinador em relação às críticas mais severas, pois de fato ele teve pouco tempo para treinar e preparar o time, mas também discordo de outras, por exemplo aquela em que ele se queixa do que chamou de "imediatismo" dos julgamentos do seu trabalho, feitos por críticos e, sobretudo, por torcedores.

Micalle empregou o termo errado: não se trata de imediatismo. Absolutamente. O julgamento

ou, digamos, a reação na forma de críticas e vaias, vem de mais longe no tempo. Vem por exemplo de dois anos atrás, quando fomos eliminados, de goleada, na Copa do Mundo em nossa casa.

Na verdade, vem de mais longe até, desde a parte final do século passado, quando nossos treinadores começaram a trocar as mais tradicionais características do futebol brasileiro, como técnica e talento, por armas (sim, chamemos de "armas") como força, altura, correria e até a chamada "tática das faltas". Tanto que, neste século, ganhamos a Copa de 2002, no início, e depois mais nada de relevante.

As vaias e críticas que Micalle ouve hoje não foram guardadas à toa e não são dirigidas particularmente a seu time, o time que nos representa na Olimpíada. É uma crítica guardada (como eu disse) há mais tempo, desde que a qualidade do nosso futebol começou a se desfazer, até chegar à atual situação, eliminado não só da Copa do Mundo, como até das Copas Américas restritas aqui ao nosso continente. Sem esquecer a campanha preocupante nas eliminatórias da próxima Copa.

Antes disso, a seleção brasileira da Olimpíada tem a obrigação de vencer a Dinamarca, hoje à noite, para não ser eliminada de mais uma competição. ■

O GLOBO

SEXTA-FEIRA, 9 DE SETEMBRO DE 2016 ANO XCII - Nº 30349

Inêrcia Marinho (1876-1925) — (1904-2003) Roberto Marinho

RIO DE JANEIRO oglobo.com.br

Cassação de Cunha

279 A FAVOR

Supremo garante votação segunda

Os ministros do STF rejeitaram o último recurso do deputado afastado Eduardo Cunha para suspender a votação de sua cassação na Câmara, segunda-feira. Levantamento do GLOBO mostra que chega a 279 o número de deputados a favor da cassação. **PÁGINA 3**

Impeachment mantido

STF nega pedido de Dilma

PÁGINA 4

Rumos da Lava-Jato

Teori rejeita recurso de Lula

O ministro Teori Zavascki negou pedido da defesa do ex-presidente Lula e manteve processos contra ele sob jurisdição do juiz Sérgio Moro. Para Teori, o recurso tenta "embaraçar" as investigações. **PÁGINA 5**

NELSON MOTTA

Políticos devem ser julgados sem foro privilegiado. **PÁGINA 17**



Educação básica

Brasil abaixo das metas no Ideb

Ensino médio no país avança apenas 0,3 ponto em dez anos de registros. No Ibo, notas do 2º grau estão estagnadas e recuaram entre o 6º e 9º anos. **PÁGINAS 28 e 29 e Miriam Letícia**

Vida pós-Olimpiada

Linha 4 vai operar das 6h às 21h

PÁGINA 10

Arnelmo Gois

FORÇAS ARMADAS

Beltrame pede que militares fiquem até dezembro. **PÁGINA 12**

CONTAS QUE NÃO FECHAM

Atraso no ajuste fiscal pode custar mais R\$ 21 bi

Sem reformas, país teria de cortar mais gastos ou subir impostos

Estudo mostra que, se o governo não implementar medidas para sanear as finanças até o fim deste ano, será ainda mais oneroso evitar uma alta na dívida pública, que hoje já é de 69,5% do PIB

Quanto mais o governo demorar para fazer o ajuste fiscal, maior ficará a conta a ser paga pelos brasileiros para evitar um descontrole no endividamento público. Estudo dos economistas Rubens Penha

Cysne, da FGV-Rio, e Carlos Thadeu de Freitas, da CNC, mostra que, desde junho, a ausência de reformas já custou R\$ 6,6 bilhões ao país. Se o governo chegar ao fim do ano sem aprovar as medidas e dei-

xá-las para o primeiro trimestre de 2017, o país terá de arcar com R\$ 21 bilhões a mais em impostos ou corte de gastos para evitar um aumento da dívida pública, que hoje já está em 69,5% do PIB. **PÁGINA 19**

ROGÉRIO FURQUIM WERNECK
Temer precisa correr para tirar a economia do atoleiro. **PÁGINA 16**

JOSÉ PAULO KUPFER
Ser rígido ou frouxo no ajuste é paradoxo para o governo. **PÁGINA 17**

Jornada de até 12 horas será formalizada

PÁGINA 20

Temer diz que não impedirá acesso a FGTS

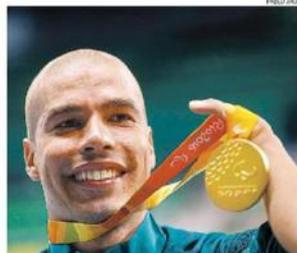
MIRIAM LETÍCIA, PÁGINA 21



Salto para a glória. O sul-mato-grossense Ricardo Costa, abraçado por seus guias, derrotou o favorito americano, Lex Gillette, para ficar em primeiro no salto em distância para cegos

Brasil estreia com ouros na terra e na água

A delegação brasileira começou bem nas disputas da Paralympíada. No Engenhão, Ricardo Costa conquistou ouro no salto em distância para cegueira total na última tentativa. No Estádio Aquático da Barra, à noite, o nadador Daniel Dias disparou nos 200m livre categoria S5 (limitação físico-motora) para obter o 11º ouro de sua carreira, com enorme vantagem no fim. O atleta Odair Santos obteve a primeira medalha do Brasil, pela manhã, uma prata nos 1.500m, e o nadador Italo Pereira foi bronze nos 100m costas. **CADERNO ESPECIAL**



O 11º ouro. Daniel Dias exibe a primeira medalha que ganhou no Rio



SONHO POSSÍVEL

Superação no palco do Maracanã

Crianças com paralisia cerebral que emocionaram o público ao carregar a bandeira paralympica na cerimônia de abertura renovam sonhos em projeto social na Baixada. **CADERNO ESPECIAL**

SEGUNDO CADERNO
A VETERANA SIGOURNEY



Atriz lança, em Toronto, filme em que vive uma avó, e se prepara para a volta de "Alien" e "Avatar".

O RECLUSO ELOMAR TOCA NO RIO

Preço deste exemplar no Estado do Rio de Janeiro • R\$ 4,00 • Circula com esta edição: Segundo Caderno

Na última tentativa, sul-mato-grossense marca o melhor salto de sua vida, ultrapassa o recordista mundial e conquista o primeiro ouro do Brasil

RICARDÃO DO PULO



Voo do morcego.
Ricardo Costa decola para a glória na final do salto em distância T11

VICTOR COSTA
victor.costa@oglobo.com.br

Quando tinha apenas 2 anos de idade, a mãe de Ricardo Costa reparou que o filho tinha algum problema na visão, pois não conseguia achar o brinquedo que estava ao seu lado. Mas os médicos do único posto de saúde de Três Lagoas, uma cidade no Mato Grosso do Sul, não conseguiam identificar seu problema. Ricardo acredita que a falta de diagnóstico à época era por falta de informação ou pela alta demanda para poucos médicos, que precisavam atender toda a população e, consequentemente, não gastavam muito tempo com seu caso. Mais tarde, descobriu-se que Ricardo sofria de síndrome de Star-gardt, que fez sua visão degenerar por completo nos primeiros anos de vida.

Ontem, aos 34 anos, ele conquistou a primeira medalha de ouro do Brasil no Rio-2016 ao fazer 6,52m no salto em distância, na categoria T11 (para cegueira total), no Engenhão.

— Eu treinei muito para esse momento. Não estou acreditando — disse um feliz e ansioso Ricardo, minutos após a vitória.

A conquista foi em grande estilo e chegou a ser comparada com o que Thiago Braz fez na Olimpíada ao bater o favoritíssimo francês Re-

naud Lavillenie para colocar o Brasil pela primeira vez no topo do pódio do salto com vara. Ontem, assim como Thiago, Ricardo conquistou o ouro em seu último salto, fazendo a melhor marca de sua vida para superar o americano Lex Gillette, que é o atual recordista mundial da prova, com 6,73m, e ficou com a medalha de prata com 6,44m. O ucraniano Ruslan Katyshev (6,20m) completou o pódio.

Ricardo era o último a saltar no Engenhão. Quando foi para sua tentativa derradeira, ele já estava com a prata garantida, mas precisava melhorar em um centímetro seu desempenho para igualar com o americano. Neste momento, sua estratégia já havia ido para o espaço. Normalmente, ele pede para que seus guias não informem o resultado dos adversários. Mas, de alguma maneira, ele ficou sabendo que estava muito perto da marca do americano. O mais provável é que Ricardo tenha escutado alguém comentar a informação no telão. Depois da prova, muito emocionado, ele disse que foram os guias que lhe passaram a informação.

— De jeito nenhum avisamos para ele como estava o resultado. Ricardo está muito emocionado, acho que está se confundindo — disse o velocista Celio Miguel da Silva, que é o guia de Ricardo nos 100m e no revezamento 4x100m, que são as outras duas provas que ele ainda vai disputar nos Jogos Paralímpicos.

Celio ficou lado a lado de Everaldo Braz, que é o guia de Ricardo no salto em distância. Everaldo tem um papel essencial no desempenho de seu atleta: literalmente, um marca-passo.

— É o Everaldo que conta as minhas passadas em voz alta durante a corrida para o salto. Toda a vez que piso com a perna esquerda, ele conta um número. No oito, eu já sei que preciso dar mais um passo antes de arriscar o meu salto — contou Ricardo, lembrando sua vida. — Eu era uma pessoa que não fazia muita coisa, não

saía de casa até 2004. Aí descobri as corridas de longa distância. Corria maratona, meia... Hoje, sou um atleta profissional, campeão paralímpico, e já viajei pelo mundo.

Esta é a primeira participação de Ricardo em uma Paralimpíada. Até então, ele só havia participado de um único grande campeonato, que foi o Mundial em Doha, no ano passado, mas saiu sem pódio. Até então, a melhor marca de sua carreira no salto era um 6,56m, mas que não foi validado, pois a condição do vento estava fora dos limites.

CIUMES EM FAMÍLIA

O título paralímpico vai causar uma disputa na família Costa. Sua irmã, Silvana, é campeã mundial na mesma categoria T11 do salto em distância. Até então, Silvana tinha o título esportivo mais importante da família. Agora, esse posto é ocupado por Ricardo. Mas pode ser que mude novamente caso Silvana ganhe sua competição na sexta-feira da semana que vem.

— Sempre brinco que queria ter um irmão para poder fazer as coisas comigo. Mas falava isso mais para implicar mesmo. A Silvana, além de irmã, é parceira de treino e minha amiga. Mas, nesse momento, sou o único campeão paralímpico na família — brinca Ricardo. ●